

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
BACHARELADO EM CINEMA E AUDIOVISUAL

Daniel Sousa Silva Moreno

CONTRAPONTO

Recife

2023

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

Moreno, Daniel Sousa Silva.

Contraponto / Daniel Sousa Silva Moreno. - Recife, 2023.

35 : il.

Orientador(a): Rodrigo Octávio D'Azevedo Carreiro

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação, Cinema e Audiovisual - Bacharelado, 2023.

1. Relatório de roteiro. I. Carreiro, Rodrigo Octávio D'Azevedo. (Orientação). II. Título.

700 CDD (22.ed.)

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
BACHARELADO EM CINEMA E AUDIOVISUAL

CONTRAPONTO

Relatório do projeto de Conclusão de Curso apresentado pelo aluno *Daniel Sousa Silva Moreno* para a obtenção do Bacharelado em Cinema e Audiovisual sob orientação do Prof. Rodrigo Carreiro.

Recife

2023

IDENTIFICAÇÃO

Título: Contraponto

Aluno: Daniel Sousa Silva Moreno

Orientador: Rodrigo Octávio D'Azevedo Carreiro

Curso: Cinema e Audiovisual

Formato: Roteiro

Resumo: “Contraponto” é um projeto de roteiro de longa metragem que trata da relação entre dois primos, um médico e um militar, que se veem envolvidos em situação de conflito numa realidade de guerra civil.

Custo total: R\$ 0,00

*“A antítese do novo e do obsoleto,
O Amor e a Paz, o Ódio e a Carnificina,
O que o homem ama e o que homem abomina,
Tudo convém para o homem ser completo!”*

Extrato de “Contrastes” de Augusto dos Anjos

SUMÁRIO

| | |
|---|----|
| 1. AGRADECIMENTOS..... | 6 |
| 2. INTRODUÇÃO | 7 |
| 3. PROCESSO DE ESCRITA E INFLUÊNCIAS | 8 |
| 2.1 Os projetos de TCC anteriores e a escolha pelo roteiro..... | 8 |
| 2.2 O “texto original”: A história de H./A história de M..... | 9 |
| 2.3 Retomando a ideia | 11 |
| 4. CONCEITOS E MÉTODOS ABORDADOS EM “CONTRAPONTO” | 14 |
| 3.1 Contradição..... | 14 |
| 3.2 Interpenetração e comunicação..... | 16 |
| 3.3 Repetição, etapas e paralelismo | 20 |
| 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 23 |
| 6. ANEXOS..... | 24 |
| 5.1 Fichas de personagem..... | 24 |
| 5.2 Ilustrações de cenas | 28 |
| 5.3 Argumento original..... | 31 |
| 5.4 Roteiro | 36 |

1. AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer à minha família, extensa e nuclear; a meu pai Jorge, minha mãe Regiana e meu irmão André, sempre solícitos, sempre apaixonados; sempre meus maiores apoiadores, financiadores, admiradores, desde os primeiros filmes caseiros, em minha jornada de querer fazer cinema. São a matéria prima de onde emulo tudo o que tenho de melhor para dar, como artista e ser humano.

Gostaria de agradecer à minha companheira Luiza, por quem tenho admiração mútua, pelo seu suporte moral e afetivo, pelo estímulo diário que me nutre, pelo horizonte que temos construído, sem os quais, não conseguiria achar um rumo para desenvolver este e outros projetos.

Agradeço também, a meu querido amigo Gabriel Silva, que escutou atentamente e ajudou a lapidar a história, como boa história, desde que era um pequeno conto em 2014; prosseguindo hoje com sugestões indispensáveis durante a revisão e com as ilustrações.

Finalmente, agradeço a todos meus companheiros de luta e trabalho com quem pude travar longos debates sobre filosofia, política e estética, debates indispensáveis para a conclusão do projeto e para meu amadurecimento, ainda que indiretamente. São muitos nomes, mas todos estão presentes.

Agradeço a meus colegas de curso, a meus professores e membros da banca, em especial meu orientador Rodrigo Carreiro. Levarei todos com carinho para onde eu for.

2. INTRODUÇÃO

No seguinte relatório sobre a escrita do roteiro para longa-metragem “Contraponto”, discorrerei inicialmente sobre o percurso até o desenvolvimento da ideia inicial, perpassado por minhas influências temáticas, estilísticas e conceituais.

Depois, seguirei para explicar acerca dos temas e conceitos que me propus a abordar na trama do roteiro, focando sobretudo nas “ferramentas” que utilizei para expressá-los em forma fílmica.

No fim, trarei em anexo material complementar, como ilustrações de cenas e ficha de personagens; assim como o argumento original.

3. PROCESSO DE ESCRITA E INFLUÊNCIAS

2.1 Os projetos de TCC anteriores e a escolha pelo roteiro

Minha proposta para trabalho de conclusão de curso passou por uma série de alterações. Primeiro, pensei em fazer uma revisão bibliográfica sobre o conceito de Terceiro Cinema como proposto pelo professor etíope-americano Teshome Gabriel. Depois, um ensaio tratando comparativamente do filme “Deus e o Diabo na Terra do Sol” (1964), de Glauber Rocha e “A noite do espantinho” (1974), de Sérgio Ricardo – filme este que interpretei ser uma “resposta” ao primeiro. O texto se chamaria “Metafísica e Dialética na Terra do Sol”.

A pesquisa para essa segunda proposta afetou decisivamente a escrita de “Contraponto”, pois pude avançar em meus estudos sobre Bertolt Brecht (juntamente de sua peça “Coriolanus”) e sobre o conceito filosófico de contradição como compreendido pelo materialismo dialético.

Do primeiro, colhi alguns princípios sobre **dialogismo** e **estranhamento**, além de um interesse reforçado na **dinâmica e referencial teatral** para a construção de cenas. Do segundo, tomei especialmente de “Sobre a Contradição”, de Mao Tsetung, os conceitos de **unidade dos contrários**, aspecto **principal e secundário na contradição**, **identidade e interdependência dos contrários**, e **resolução** em “um se converte em seu contrário”. Tentarei tratar desses conceitos mais adiante, com ilustrações do roteiro.

Ademais desses temas de natureza mais conceitual, fui instigado pelo próprio filme de Sérgio Ricardo, que se trata de uma alegoria musical sobre a questão agrária no Brasil, apresentada através de um sistema de contradições composto pelas relações contraditórias entre comunidade camponesa/latifundiário; dentro dessa comunidade, entre Zé Tulão (um líder camponês)/Zé do Cão (um pistoleiro a mando do latifúndio) e entre Zé Tulão e Zé do Cão/Maria do Grotão. No final, quando Maria do Grotão enterra um dos dois, que não sabemos quem é (levantando até a possibilidade de que ela tenha enlouquecido), a ideia de unidade dos contrários é estabelecida.



Fig. 1 – Fotograma de “A noite do espantinho”: Zé Tulão e Zé do Cão brigam de faca amarrados por uma corda.

Sérgio Ricardo desenvolve, à sua maneira, uma exposição sobre unidade dos contrários (no conflito sem resolução entre Zé Tulão e Zé do Cão) num **sistema de contradições** perpassado pela principal; o que me estimulou a desenvolver a trama em um sentido produtivo.

A pesquisa para o segundo TCC avançou, a ponto de que eu conseguisse contato direto com a família de Sérgio Ricardo, e que ele pudesse ler uma carta minha antes que falecesse. Todavia, meus ânimos me dirigiram mais a uma produção artística.

2.2 O “texto original”: A história de H./A história de M.

O texto original no qual me baseio para escrever “Contraponto” data de 2014: “A história de H./A história de M.”, que na verdade consistiam em um “capítulo” dentro de uma narrativa maior, “As cinco últimas pílulas”.

Esse projeto seria uma espécie de romance, estruturado em torno de vários contos que se passam antes, durante e após uma guerra nuclear; todos costurados por elementos de

uma história maior, de fundo. Iniciei a escrita dele em 2014, aos 17 anos, mediante uma dura luta contra a depressão. Uma vez que superei esse período, abandonei também a escrita do livro.

Era um plano ambicioso, mas marcado de um espírito niilista, grotesco e imaturo – reflexo da idade e da própria condição psiquiátrica. Esse capítulo é o que tinha mais qualidades, e sempre pesou na minha mente que devia, em algum momento, desenvolvê-lo separadamente.



Fig. 2 – Ilustração digital feita em 2014 para o projeto “As cinco últimas pílulas”, representando H. e M. como dois pássaros.

Os **elementos básicos** do conto seguem presentes em “Contraponto”: os primos (que, no conto, eram “primos-gêmeos”), a espiã grávida e a incapacidade da comunicação entre os dois. De resto, tudo foi alterado: não há resquícios no roteiro, tanto do tom mórbido e niilista original, quanto da dualidade unilateral estabelecida entre H. e M.

O nome dos protagonistas, H. e M. eram, no conto, uma referência à mitologia nórdica – os corvos Hugin e Munin, que pertenciam ao deus Odin. No mito, a onisciência de Odin resultava das histórias coletadas pelos dois corvos, que vagavam o mundo e depois retornavam a seus ombros. O jogo de metáforas era o seguinte: no conto original, H. e M. vivem pedaços da mesma história (da espiã), mas por nunca conseguirem se comunicar direito, cada um só sabe metade dela e isso induz a história à tragédia. A onisciência, aqui, estaria com o leitor. Mantive os nomes Humberto e Miguel, mas não indo muito além dessa referência.

2.3 Retomando a ideia

A primeira vez que pensei em retomar essa história de maneira produtiva foi durante uma cadeira optativa que fiz sobre narrativa em *videogames*. Então, se trataria de reconstruir a trama na linguagem de uma *visual novel*¹ simples. Como eu desenvolveria a trama sob a perspectiva de dois personagens, o caráter interativo do *videogame* me parecia um bom veículo para estimular a sensação do ponto de vista.

Durante minha pesquisa sobre narrativa em *videogames*, descobri um jogo que me influenciou bastante – “Pathologic” (2005), da desenvolvedora russa Ice-Pick Lodge. Em resumo, trata-se da história de uma epidemia em uma pequena cidade de interior, contada pela perspectiva de Daniil Dankovsky, um bacharel de medicina que veio da capital, e Artemy Burakh, um curandeiro que foi estudar medicina fora e está de retorno à sua terra natal.

Essa história me deixou mais atento para o problema da **perspectiva num sentido ideológico**, dando centralidade à concepção de mundo dos personagens. Histórias contadas sobre diferentes pontos de vista tendem a focar, principalmente, na relação fenomênica com o mundo, nas diferentes impressões empíricas dos diversos personagens sobre os acontecimentos de uma trama. Em “Pathologic”, por sua vez, temos as mesmas situações que, filtradas por concepções de mundo diferentes, geram escolhas ideologicamente amparadas, de modo que pareçam, ao jogador, a “correta” àquele personagem fazer.

O bacharel, racionalista e estrangeiro, entende que a praga é culpa dos hábitos do populacho da pequena cidade e naturalmente se identifica com a sua elite cosmopolita, todos estrangeiros e, como ele, hostilizados. O curandeiro, místico e nativo da cidade, se identifica com as tradições do seu povo e redescobre o valor de suas origens. Faz sentido, portanto, que frente à mesma epidemia, o primeiro desenvolva uma vacina para prevenir da infecção os habitantes da capital; e o segundo, um soro para curar quem já está infectado.

¹ A *visual novel* é um gênero de *videogame* baseado em texto que possui diálogos ramificados, múltipla escolha e bifurcação narrativa.



Fig. 3 – *Screenshot* de “Pathologic” – Os três protagonistas se confrontam num teatro.

Ainda que não tenha seguido adiante com a reescrita do conto para funcionar como um *videogame*, algumas alterações na história, sob influência de “Pathologic” e outras leituras, formaram a base sobre a qual iniciaria a escrita de “Contraponto”. Principalmente, que não me focaria mais na incapacidade de comunicação dos personagens como vetor de sua contraposição, mas em sua **diferença ideológica e a sua transformação**.

Finalmente, tomei muitas notas da minissérie “Missa da meia-noite” (2021), de Mike Flanagan, por sugestão de meu orientador. A série trata da chegada, numa pequena comunidade de pescadores, de um padre que interpretou como milagre seu encontro com um vampiro, dado seu precedente dogmático-religioso. A história segue, emendada quase que em sua inteireza por longos diálogos e monólogos acerca da fé e da religião.

Foi bastante importante para que buscasse dar maior ênfase à **construção/caracterização de personagens em diálogos amparados nos temas**. Minha proposta inicial era de que não houvessem personagens de fato na história. Me satisfaria em escrevê-los num sentido estritamente funcional e alegórico, sobretudo pela influência de “A noite do espantalho” e da peça “Coriolanus”. Na série de Flanagan, sinto que houve um esforço muito grande pelo estabelecimento de uma vida interna dos personagens, expressa na sua caracterização, na escolha de palavras, nos tiques, nos impasses, que dão mais vida e até uma certa intimidade aos debates conceituais.



Fig. 4 – Erin (Kate Siegel) e Riley (Zach Gilford) em uma das longas sequências de diálogos de “Missa da meia-noite”.

Flanagan segue firmemente no terreno da alegoria, abertamente ideológica; mas nos engaja também pelo modo de expressão desse conteúdo conceitual, particular a cada personagem. Achei uma boa indicação que talvez conseguisse expressar melhor minhas ideias dessa forma.

4. CONCEITOS E MÉTODOS ABORDADOS EM “CONTRAPONTO”

3.1 Contradição

“Sobre a contradição” desenvolve os seguintes temas que utilizo em “Contraponto”: automovimento e principalidade da contradição “interna”, contradição entre velho e novo, dialética e metafísica, identidade dos contrários, interpenetração dos contrários, contradição principal e aspecto principal da contradição, transformação de um no seu contrário.

Durante a formulação do argumento original (em anexo), foi necessário desenvolver alguns elementos da história para precisar mais o conteúdo conceitual ao qual me propus ilustrar através da trama. Retomando o estudo deste e outros materiais, busquei compreender se, em meu roteiro, o conflito entre Humberto e Miguel se resolvia em “um se divide em dois” (como proposto no texto citado) ou em “dois se conformam em um” (como formulado, em linhas gerais, pelo idealismo dialético clássico). Não me prolongarei em expor sobre esse ponto, sendo suficiente dizer que se trata de um debate importante sobre a centralidade da contradição na dialética.

Tive a oportunidade de debater esse ponto com colegas e a conclusão à qual cheguei é a que segue. Tomando de maneira unilateral a contradição entre Humberto e Miguel, entendemos que “dois se conformam em um” (vulgarmente, o famoso “tese-antítese-síntese”), ou seja, que dois diferentes resolvem sua contradição numa síntese, sendo apresentados ao final somente como “primo”.

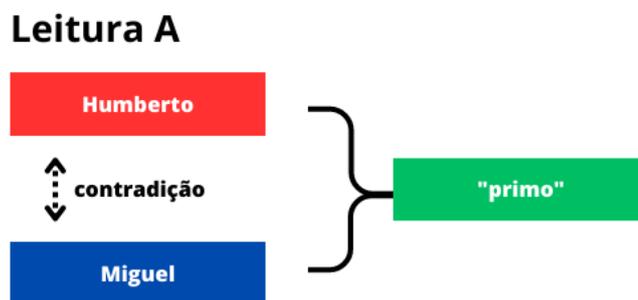


Fig. 5 – Possibilidade de leitura A.

Todavia, no percurso do debate, percebi que essa leitura tomava Humberto e Miguel de forma isolada e não levava em consideração a contradição maior que perpassa os dois (entre o velho e o novo, respectivamente, Raquel e Esther), além da contradição interna a cada um dos dois.

O que me leva a uma formulação mais complexa em um sistema de contradições, onde:

- a) O processo de fundo tem como motor a contradição entre o velho e o novo. Essa contradição é definida por um aspecto que desponta fraco e tende a se tornar dominante (Esther/a revolução) e um que é dominante e recusa-se a definir (Raquel/o velho sistema). Há identidade entre as duas (representada pela criança, isto é, por quem terá a sua custódia e pelo fato de ambas serem mães) e, ao mesmo tempo, antagonismo².
- b) Perpassado por essa contradição, Miguel, um médico, se divide em dois. Um lado dele é feito dos aspectos que aceitam o novo, outro lado, dos aspectos que rejeitam/receiam o novo. Miguel precisa resolver essa contradição interna sua para poder tomar uma iniciativa.
- c) Perpassado por essa mesma contradição, Humberto, um soldado, se divide em dois. Um lado dele é feito dos aspectos que aceitam o novo, outro, dos aspectos que rejeitam/receiam o novo. Humberto precisa resolver essa contradição interna sua para poder fazer um balanço correto de seu percurso.
- d) Então, na interação entre Miguel e Humberto, Humberto traz para Miguel elementos que fortalecem o lado de Miguel que aceita o novo e rejeita o velho; Miguel traz para Humberto elementos que fortalecem o lado de Humberto que aceita o novo e rejeita o velho – ambos sem saberem onde estão operando e sem se comunicarem diretamente sobre isso. A identidade entre os dois é representada por serem primos. Um afeta o outro como “agente externo”, dando condições para acirrar sua luta interna.
- e) No final das contas, na contradição entre Miguel e Humberto, um se converte no seu contrário: Miguel se torna um “soldado”, aceitando a necessidade do conflito para assumir o novo, saindo do passivo para o ativo; e Humberto, se torna um “médico”, gerando condições para preservação da vida de Esther, saindo do ativo para o passivo.
- f) Não há, a meu ver, a “fusão” dos dois personagens em um: “primo”. O que ocorre aqui é que ambos os personagens se dividem internamente e o aspecto interno que representa o novo luta por se afirmar. Na interação entre Humberto e Miguel, sem saber, um alimenta o outro com o necessário para que o novo vença. O modo não-conflitante de pensar de Miguel ajuda Humberto a alcançar a clareza necessária para entender sua

² Inicialmente a personagem de Raquel seria Ruben, o pai de Tavinho (assim está no argumento original, em anexo); mas pensei que seria mais interessante que as duas personagens em conflito fossem mães, pois a identidade entre as duas ficaria mais clara.

escolha. Por outro lado, a belicosidade de Humberto dá a Miguel o ímpeto para fazer uma escolha abrupta. Então, eles operam no mundo, e no modo de operar, um se converte em seu contrário.

- g) O novo vence. “Primo” pode ser tanto Miguel, tendo vencido seu aspecto que afirma o novo, que coincide com o que recolheu de Humberto; ou pode ser Humberto, tendo vencido seu aspecto que afirma o novo, que coincide com o que recolheu de Miguel. Há identidade entre esses dois “aspectos que afirmam o novo”, e como esse é o aspecto principal em cada personagem, nos resta chamá-los pelo significante da identidade entre Humberto e Miguel (“primo”), uma vez que não são os mesmos personagens do início. Ao final, não sabemos se os dois estão vivos, e qual dos dois foi ao encontro de Esther.

Leitura B

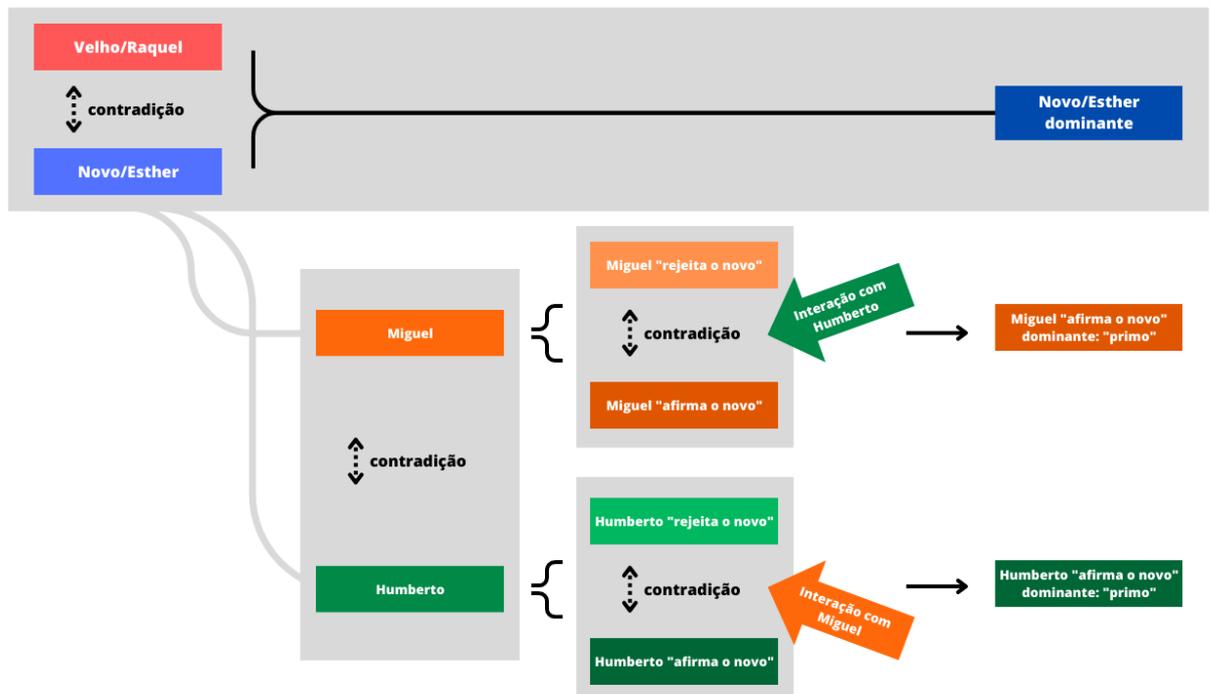


Fig. 6 – Possibilidade de leitura B.

3.2 Interpenetração e comunicação

O segundo ponto que gostaria de ressaltar é que tentei dar grande ênfase à interpenetração dos “contrários” Humberto e Miguel, ou seja, a transformação mútua dos dois em sua interação e por que meios um se expressaria no outro.

O grande problema aqui é a impossibilidade da comunicação dos dois sobre o problema de fundo que os comove (a contradição entre o velho/novo; Raquel/Esther), pela natureza subversiva de seus pensamentos e dos problemas objetivos que enfrentam, são forçados a comunicarem suas posições gerais através de temas variados.

Temas como a natureza da doença, da maternidade, da religião, da guerra e da responsabilidade, pelos quais, na verdade, ambos se expressam ideologicamente em torno de questões como: oposição e identidade; liberdade e necessidade; iniciativa e conservação; movimento mecânico e automovimento. Todos esses temas são recapitulados no monólogo da carta de Esther no “Epílogo”.

Tentei desenvolver os diálogos de tal forma que um influenciasse o outro através de sua concepção de mundo, mais que através de informações e juízos. Dessa maneira, sinto ter dado um passo para além de minha visão pessimista anterior quanto à impossibilidade da comunicação – aqui, mesmo sem se comunicar, eles se comunicam.

Fiz um breve esquema para expor a interpenetração do pensamento de Humberto e de Miguel, deixando com a mesma cor as “ideias” de tipo similar. Vale ressaltar, também, que enquanto Miguel estimula Humberto num sentido mais conceitual e reflexivo; Humberto estimula Miguel sobretudo no chamado à ação, cujo exemplo maior são os próprios fatos que concluem a história.

Cap. 1

Cena 3

Miguel: Responsabilidade eu tenho faz mais tempo... Nós temos (...) Se para você responsabilidade é mandar, **nem eu nem você mandamos em nada**. As "circunstâncias" é que mandam.

Cena 9

Humberto: **Eu sinto que não tive escolha**. Se eles *provocaram* tudo isso, eles fizeram uma escolha. Eles decidiram o que estava errado e decidiram o que fazer. Deram marcha. As circunstâncias já não são as mesmas. Por causa deles que eu fui recrutado- **são eles que mandam em mim**.

Humberto (Soldado): Por causa da guerra. **Pelo futuro do Brasil**. Por que lutamos pela liberdade.

Cap. 2

Cena 11

Miguel: **Não tem nós numa guerra civil**. O Brasil é um só.

Humberto: Isso só vai terminar quando um lado destruir o outro (...) **Você não se preocupa com o futuro do Brasil**.

Cena 19

Humberto: **Eu não sei o que me movia. Não era patriotismo**. (...) **De repente não havia mais "nós"** (...) **disciplina, para ser inquebrável, pede consciência do porquê das coisas. Um valor qualquer, por besta que seja.**

Cap. 3

Cena 21

Humberto: Religião é pra **medo**; medo do futuro, das incertezas, da maldade alheia.

Miguel: **A gente sempre sente sozinho**. (...) **Ninguém tem que aguardar milagre para ter que ter fé**. Se não, nunca daríamos nenhum passo.

Cena 25

Humberto (Soldado): **E a coragem?**

Humberto: Mas ela está viva. **Deve estar, tenho fé. Isso tem mais dignidade que minhas certezas**. Que minha incerteza. **Eu não posso pensar só em mim**.

Cap. 4

Cena 34

Você não é um covarde. Nem eu. Eu fiz uma escolha.

Fig. 7 – Interferência de Miguel no pensamento de Humberto.

Cap. 1

Cena 3

Humberto: Cirurgião-chefe! Muita **responsabilidade!**

Miguel: Se para você responsabilidade é mandar, **nem eu nem você mandamos em nada. As "circunstâncias" é que mandam. É como uma guerra em dois fronts.**

Cena 7

Miguel: **Eu entendo as circunstâncias...**

Raquel: **tivemos de exercer o direito de arbítrio.**

Miguel: **Aqui não é um hospital de campanha.**

Cap. 2

Cena 11

Miguel: **A responsabilidade é minha. (...) A guerra chegou até aqui. (...) Paz é Paz.**

Humberto: **Nós estamos perdendo território. (...) Isso só vai terminar quando um lado destruir o outro. Para salvar o Brasil, talvez seja necessário salvar só alguns brasileiros.**

Miguel: **Aqui não é um hospital de campanha.** [no sentido que não é *dos* militares]

Cena 16

Raquel: **Vai recorrer a alguém? A quem?**

Miguel: **Daqui para frente, vocês não vão mais retirar o bebê dela.**

Cap. 3

Cena 21

Humberto: Se não houvesse essa angústia, se não se precisasse lutar contra essa angústia, não tinha o que temer, **não tinha que aguardar milagre**, não tinha porque assumir nada.

Miguel: **Ninguém tem que aguardar milagre para ter que ter fé.**

Cap. 4

Cena 34

Miguel: **A gente sente que tem algum controle (...) Bem, eu só espero. Eu não posso fazer nada. É o estado natural das coisas: tudo quer harmonia, quer sossego.**

Humberto: **Bem, de meu lado, eu sempre entendi que nada acontece por si só - um rifle não atira sozinho, tem que ter quem lhe puxe o gatilho. Talvez esse caos seja um aviso de que as coisas têm que mudar. Às vezes a gente interfere em tudo isso, mesmo sem saber, mesmo sem fazer nada, mesmo parado. (...) Nem tudo tem que passar por sua responsabilidade.**

Miguel: **Mas é claro que tem. Não podemos ter iniciativa?**

Cena 38

Miguel: **Esses "jovens" estão se arriscando, sim, para acabar com vocês. Eu vou contribuir. (...) A guerra bateu em minha porta e eu fiz uma escolha, eu tomei posição: vocês são bandidos, meus inimigos.**

Fig. 8 – Interferência de Humberto no pensamento de Miguel.

Num outro sentido, Raquel e Esther também vivem o problema da impossibilidade da comunicação. Raquel fala demasiadamente, mas de maneira protocolar, formalista e autoritária, barrando a comunicação real de seus problemas e propósitos. No final da história, ambos os personagens a entendem só pela metade – Humberto só sabe da vingança, enquanto Miguel só sabe do rapto da criança.

Esther, por outro lado, é impedida de falar e não troca diálogos nem com Humberto nem com Miguel a história inteira. No entanto é ela que é capaz de “comunicar” plenamente, através de seus olhares, gestos e pela própria situação em que ela se encontra e o significado

disso; fazendo com que os dois entendam e simpatizem com sua causa, ainda que sem mediações.

3.3 Repetição, etapas e paralelismo

A história é muito simples, com poucos ambientes e personagens. Se move em blocos (“capítulos”) compostos por: conversa dos primos > história de Miguel > memória de Humberto; somados a alguns elementos intermediários, como a ambientação do hospital.

Para dar a esse ciclo através do qual a história se desenvolve um sentimento de progresso, de espiral, eu acrescentei etapas crescentes a alguns elementos; além de paralelismos, para que a identidade ou oposição entre os personagens comece a ir despontando, ainda que não nas cenas “chave”, nos diálogos.

Abaixo coloco alguns exemplos dessas etapas escalando e de paralelismo para caracterização.

| Prólogo | Cap. 1 | Cap. 2 | Cap. 3 | Cap. 4 | Comentário |
|---|--|---|--|---|---|
| | “Trânsito ordenado de pacientes” | “O hospital está agitado. Macas são levadas de um lado para outro, todo o staff hospitalar está em movimento” | “Há muito movimento no Hospital. Uma parte do corredor está molhado, indicado por placas de piso molhado. Como resultado, as pessoas que vêm e que vão tem que passar por um gargalo apertado, o que causa indisposição dos pacientes e staff hospitalar. Evangélicos distribuem panfletos.” | “completo caos: staff hospitalar se espremendo para ir a seu destino, papeis, panfletos e lixo hospitalar pelo chão.” | Escalada. A remoção de um andar do hospital para o “esforço de guerra” traz, de fato, o caos da guerra para dentro do hospital. |
| | “Seu Domingos com outros funcionários” | “Há menos funcionários de limpeza que na Cena 2. Seu Domingos acena para Miguel.” | “Seu Domingos, enxuga outra área interditada com a ajuda de um funcionário.” | “Seu Domingos, limpando o chão tranquilo, como se não fosse afetado pela comoção ao redor. Ele parece ser a única pessoa cuidando da limpeza no Santa Bárbara.” | Escalada. Pensei aqui na sugestão de que o próprio <i>staff</i> começava a se demitir ou entrar em greve. Contribui à ideia de que a guerra está sabotando o funcionamento do hospital. |
| “ <i>curativo grande</i> no pescoço e parte do ombro” | “Ferida que não fecha de Humberto” | “Pescoço não cicatriza” | “O <i>curativo</i> está manchado de sangue.” “Não vai demorar isso tudo” | “O <i>curativo</i> está limpo.” | Escalada. A ferida é análoga ao balanço inconcluso de Humberto sobre seu trajeto. Uma vez que isso se |

| | | | | | |
|--|--|--|--|--|--|
| | | | | | resolve no cap. 3, a ferida se cura. |
| | “Militar 2 fuma um cigarro na escadaria” | “Militar 2 fuma um cigarro na janela aberta.” “Enfermeira 1 fuma um cigarro” | “Miguel percebe um maço de cigarros no bolso da calça de um enfermeiro na sua frente” | “Miguel nota uma trilha de <i>bitucas de cigarro</i> levando-o em direção a uma <i>janela</i> no corredor, onde Militar 2 está fumando seu <i>cigarro</i> para fora do hospital.” Na discussão com Raquel, Miguel menciona o cigarro. | Escalada. O cigarro é análogo ao arbítrio dos militares, que impõem sua lei onde chegam. Isso inicialmente é feito escondido, dentro da escadaria, mas logo corrompe o funcionamento local - inicialmente, no terceiro andar, e depois descendo para o segundo. |
| | “A Sala da Diretoria é mal iluminada, (...) persiana improvisada (...) O sofá está vestido de um lençol, fazendo-se de cama improvisada para a capitã. Uma garrafa de vinho vazia escondida por detrás do sofá chama a atenção de Miguel.” “A mesa central está vazia, a não ser por um porta-retratos” “Despejados no interior de uma caixa de papelão, ao lado da mesa, todos os outros materiais que outrora estariam em cima dela” | “mesmo estado que antes, mas agora, várias <i>garrafas de vinho vazias</i> encontram-se rente a um canto do cômodo, empilhadas metodicamente. A parede por detrás da <i>mesa</i> está enfeitada com uma <i>bandeira do Brasil.</i> ” | “Outras <i>garrafas vazias</i> empessteiam o ambiente. Poça de vinho no chão. Revólver em cima da mesa.” | | Escalada. Aqui eu precisava mostrar três coisas: a descaracterização do ambiente hospitalar, a militarização do hospital e a degradação do estado da capitã. Como essas coisas são contrastantes, tentei dar um aspecto oscilante ao estado da Sala (por exemplo, com as garrafas de vinho, mas empilhadas). Por um lado, temos [uma garrafa > várias garrafas empilhadas metodicamente > várias garrafas desorganizadas e uma poça de vinho]. Por outro, temos a [descaracterização do ambiente civil > a bandeira nacional > um revólver em cima da mesa]. |

| | | | | | |
|---|--|---|---|--|--|
| | “Retornarem os à normalidade. Um mês, dois no máximo.” | “Você tinha dito no máximo dois meses!” | “Não vai demorar isso tudo. Tenha fé.” | “É aguardar... As coisas se assentam” | Escalada. Aqui também apresenta um desenvolvimento sinuoso, pois Miguel quer que as coisas se resolvam logo, mas o processo é longo. Ele passa da raiva para a “fé” para a resignação. Na carta de Esther ao final, vemos o outro lado: que o processo ser longo pode representar algo positivo. |
| | Humberto vira de costas ao interagir com sua memória. | “Humberto a assiste apenas virando o seu pescoço para a direção da cena.” | “Humberto se levanta de sua <i>cama</i> com dificuldade, pondo a mão sobre sua ferida, e vai até a cena.” | Humberto se torna protagonista de sua cena, com o holofote em cima dele. | Escalada. Ao lembrar o processo que o levou a tomar uma decisão instintiva, ele pode ressignificar e assumir sua tomada de posição, passando a se identificar com a sua decisão. |
| “Noite chuvosa” “Miguel abre a boca para falar algo mas não diz nada” “Miguel encara seu reflexo pelo retrovisor do jipe” | | | | “chuva pesada” “Humberto abre a boca para falar algo, mas não diz nada.” “Humberto encara seu reflexo na <i>janela do hospital</i> ” | Paralelismo. A repetição no final de elementos do prólogo é análoga à “transformação” de um personagem no outro. Miguel, no início, vê seu reflexo no carro militar; Humberto, na janela do hospital. |
| | Miguel para no semáforo aberto. | | | Esther corre no semáforo fechado. | Paralelismo. A falsa tentativa de demonstrar controle por Miguel, sem subverter nenhuma regra; se compara com a real demonstração de liberdade por Esther, realizada, também, através de sua ajuda. |

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na construção do roteiro, busquei me orientar por dois princípios: primeiro, ser honesto com o que eu acreditava e com o que eu queria transmitir; segundo, tentar ser o mais simples e claro o possível no processo de escrita. Em minha leitura subjetiva de “Contraponto”, consegui atingir esses objetivos.

Trazer, em relatório, alguns dos temas filosóficos que pretendi expressar no roteiro, além das estruturas da construção dos diálogos e cenas, vem somente para ilustrar um pouco das reflexões que tive sozinho e com outros na preparação de “Contraponto”. O roteiro possui apenas um *setting* (o hospital) e quatro personagens nomeados com diálogos; e, ainda assim, ao menos num nível básico, entendo que tive êxito em transmitir esses debates, apesar de certas debilidades na construção dos personagens e na contextualização da sociedade como um todo na história, mesmo que a apresente via recurso alegórico.

Apesar de aparentar uma certa “dureza” nos princípios filosóficos orientadores do projeto, a escrita em si foi realizada numa atmosfera de “jogo de montar”, de composição, com espírito poético e interativo, me perguntando sempre que conexões a história parecia querer me fazer “encaixar” para buscar a criação de sentido em meio ao processo da escrita, ao invés de chegar com todas as respostas prontas. Espero que tenha passado essa dinâmica no roteiro e não tenha ficado demasiado áspero e formalista.

6. ANEXOS

5.1 Fichas de personagem

Miguel



Fig. 9 – Ilustração de “Miguel”

Na casa dos 40. Negro, cabelo curto, altura mediana, magro. Postura retraída, andar leve. Cirurgião que recentemente assumiu o cargo de administrador do Hospital Santa Bárbara, após a morte do antigo administrador. Usa jaleco médico e sempre anda com uma prancheta debaixo dos braços, cheia de papeis e canetas de várias cores. Tem o tique de sempre repousar o queixo sobre as mãos.

Fala manso, evitando conflito, usando de subterfúgios para costurar na conversa o que quer falar. Está exausto pela dinâmica do trabalho e da guerra civil, mas se esforça por dar o melhor de si. Vem de família humilde, que fez muitos sacrifícios para formar um filho médico. Tem um senso de justiça muito estrito e, ainda que demore para tomar posições, é firme quando as assume. Dá pouco valor à brincadeira e ao desleixo.

Pensa de maneira metafísica, no sentido de que suas ideias em geral propõem que o mundo está parado até ser posto em marcha por um movimento externo. Dessa base, inclina-se ao idealismo de aguardar pela harmonia como “estado natural”.

Humberto



Fig. 10 – Ilustração de “Humberto”.

Na casa dos 40. Com a diferença de usar os cabelos raspados, possui descrição física similar à de seu primo, o que levavam ambos, na infância, a serem chamados de “primos-gêmeos”. Humberto sempre detestou isso, por ser mais novo, sempre lhe parecia comparação. Saiu da graduação em Letras para se alistar, e a cada dia que passava, criava mais barreiras ideológicas para aceitar seu papel na guerra civil, o que o impediu de acender no carreirismo militar. Um último acontecimento o remexeu ao ponto da estagnação, então aproveita a estadia no hospital para refletir.

É mais agressivo e pende ao antagonismo na fala, sem que isto seja expressão de irritabilidade, somente da sua maneira de se comunicar – coisa que seu primo Miguel entende. Apesar disso, foi arremessado a uma postura autorreflexiva e, por conseguinte, se esforça mais para lidar com as contradições que lhe aparecem. Apesar de tudo, tem um bom senso de humor e gostaria de poder ser mais brincalhão.

Pensa, também, de maneira metafísica, mas expressa isso de outra maneira: buscando ativar ou que deveria ser ele próprio o piparote inicial que pusesse o repouso em movimento.

Raquel



Fig. 11 – Ilustração de “Raquel”.

Na casa dos 50. Branca, cabelos médios sempre presos num coque muito apertado, em boa forma física. Tem problemas com alcoolismo, e o vinho é sua fraqueza. Mesmo alcoolizada esforça-se em manter postura rígida e firme. Veste uniforme militar correspondente à sua patente de capitã.

Usa de subterfúgios na comunicação para mantê-la sempre em formalidades: protocolos, cordialidades, ameaças e meias-verdades. Nunca deixa passar seus sentimentos e pesares. Está tentando se recuperar da perda de seu filho, Tavinho, soldado em seu batalhão, que desertou para o lado inimigo e morreu em combate. É viúva.

Também pensa de maneira metafísica, mas assumindo uma outra posição, reacionária: de que o movimento que retira as coisas de seu “devido lugar” deve ser impedido por todos os meios necessários.

Esther



Fig. 12 – Ilustração de “Esther”.

Na casa dos 30. Branca, usa cabelos mais longos do que gostaria porque ainda não conseguiu cortá-los. Encontra-se mais magra que o costume por vagar por aí. Parece ser mais nova do que é. Apesar de ser muito sensível, mantém sempre postura ativa e encara de queixo erguido quem a ameaça. É membra da insurreição, está na clandestinidade. Está grávida, fugindo da vingativa Raquel, que a culpa pela morte de seu companheiro Tavinho.

Tem modo humilde, abnegado e pensando sempre nas consequências futuras do que faz. Escreve poemas secretamente, porque em sua avaliação eles nem sempre prestam. Está vencendo o vício em cigarro. Ainda não sabe que nome dar à criança.

Pensa de maneira dialética, ou seja, enxergando as contradições dentro de todas as coisas, vendo elas se expressando em seu automovimento; afirmando a necessidade da emergência do novo, mesmo que não esteja ali para vê-lo.

5.2 Ilustrações de cenas



Fig. 13 – Ilustração da Cena 33.



Fig. 14 – Ilustração da Cena 15.



Fig. 15 – Ilustração da Cena 9.



Fig. 16 – Ilustração da Cena 38.



Fig. 17 – Ilustração da Cena 37.

5.3 Argumento original

Uma guerra civil acontece no Brasil, sem uma demarcação clara de época. Miguel é um cirurgião-chefe num hospital público que, em decorrência do esforço de guerra, está recebendo combatentes feridos. Numa noite chuvosa, recebe no hospital seu primo-gêmeo, Humberto, um militar de baixa patente ferido no ombro.

Capítulo 1.

Alguns dias depois, Humberto acorda e Miguel vai vê-lo. Eles têm uma conversa desconfortável, um interrompendo o outro, falando apenas o que quer ouvir, apesar da polidez. Após isso, os dois conversam sobre a história de seu relacionamento: Miguel entende que eles sempre foram idênticos em tudo; Humberto pensa o contrário – que sob as aparências, eles pensam e fazem o oposto, e que a antonímia entre um cirurgião e um militar é a mais absoluta possível. Em determinado momento, Miguel observa a perna de uma pessoa dependurada pela janela, como se tentando descer do andar de cima. Ele não diz nada a Humberto, para não o assustar e pede licença para sair.

Miguel anda em direção ao elevador, tentando desviar do rebuliço nos corredores. Quando tenta subir ao andar de cima pelas escadas, é barrado por dois militares. Eles o informam que o andar será interditado e reorganizado para o esforço de guerra. Miguel argumenta que precisa ser informado de tudo, com base em sua autoridade administrativa. Sem poder dizer além do que já foi dito, os militares o encaminham para seu superior, o capitão Ruben.

Miguel entra na sala de Ruben, notando algumas garrafas vazias pelo ambiente. Ruben explica a Miguel que no terceiro andar do hospital ocorre uma operação especial: o exército capturou uma espiã da insurgência, e foi sua perna que Miguel viu pela janela. A espiã está sendo mantida no hospital com um pressuposto humanitário, pois está ferida. Todavia, a operação tem uma equipe própria, pois trata-se de uma operação clandestina – acaso a informação do paradeiro da espiã escapasse, poderia ocasionar uma ação terrorista no hospital para que ela fugisse. Miguel relutantemente aceita a redefinição, cético sobre o humanitarismo do capitão.

Humberto, insone, começa a murmurar para si, lembrando-se dos acontecimentos que o levaram até ali. Humberto lembra-se de seu capitão, Ruben, que o tinha dado uma missão muito importante: caçar uma espiã insurgente. Humberto questiona-se sobre o significado das

escolhas: ao mesmo tempo que sabe que os insurgentes também seguem disciplina militar, ele sente muito menos liberdade que eles, pois sua guerra é para manter as coisas como estão, portanto, a iniciativa está com quem carrega a mudança.

Capítulo 2.

Num outro dia, o hospital está um caos. Ainda há dificuldades em realocar todas as pessoas que estavam no terceiro andar e desceram para o segundo. Miguel vai visitar Humberto e novamente eles discutem, sobre o caráter da doença, e depois, da guerra. Para Humberto, a doença, como a guerra, só termina quando uma das partes é eliminada. Para Miguel, a guerra e a doença são formas de fortalecer o “corpo”.

Miguel sai do quarto e, vê, subindo ao seu andar, um homem com traje militar levando um pacote para o andar de cima. Temendo ser o alardeado atentado terrorista, Miguel espera até este voltar de mãos vazias e sobe ao terceiro andar. Quando entra lentamente num quarto entreaberto, vê a caixa aberta no chão. No canto do quarto está a espiã, Esther, dando de mamar para um neném pequeno. No quarto, junto a ela, estão outras enfermeiras, além dos militares que fazem a guarda do andar, lembrando a imagem da manjedoura. Esther vê Miguel com grande espanto.

Na sala do Capitão, Miguel reclama da falta de transparência. O Capitão explica que Esther teve o neném ainda no hospital, mas que retiraram-no dela pois estava muito agressiva e podia machucá-lo. Todavia, o bebê não aceitava alimentar-se se não fosse com Esther, o que forçou a operação a levá-lo de volta a ela. Miguel exige que o neném não seja mais retirado da mãe, e pressiona para fazer parte da equipe que cuida de Esther. O Capitão aceita relutantemente, mas avisa que esta concessão será suspensa se os dois conversarem, o que implicaria em vazamento de informação.

Humberto uma vez mais sofre de insônia, e murmura para si mesmo novamente. Desta vez, lembra-se dos dias que antecederam sua baixa. Conversando com outros soldados antes de dormir, eles duvidam que a mulher que o capitão mandou caçar fosse espiã. Eles argumentam que Ruben inventou isso para dar urgência ao deslocamento de forças para a missão. Na verdade, a mulher era ex-namorada do filho de Ruben, Tavinho, que morreu em circunstâncias não muito claras; deixando Ruben transtornado e alcóolatra. Eles sabem que ela é insurgente, mas duvidam que o relacionamento dos dois tenha sido uma fachada para espionar Ruben. Pensando na possibilidade de estar sendo deslocado para uma vingança particular,

Humberto questiona-se novamente sobre escolhas: a disciplina militar é uma necessidade para a guerra, mas as escolhas que levaram ele e os insurgentes a seus postos são diferentes.

Capítulo 3.

Miguel, em tom contemplativo, conversa com Humberto, dessa vez sobre a natureza do parto. Baseado nos últimos dias que passou junto à Esther, Miguel entende que o bebê só existe em unidade com a mãe; Humberto, por sua vez, argumenta que o bebê está em luta contra a mãe para poder nascer, o que rompe a unidade entre eles. Humberto complementa dizendo que Miguel pensa misticamente, ao que Miguel concorda: para ele, a religião é a comunhão entre todas as coisas; e para Humberto a religião é uma luta, mas contra as incertezas do futuro.

Miguel retorna à vigília no quarto de Esther. O neném está na mão de duas enfermeiras, que tentam alimentá-lo com uma mamadeira, mas ele rejeita e chora. Miguel não entende as ordens de Ruben de tentar forçar que a mamadeira no neném e pede para que o coloquem de volta no colo da mãe. Com o neném dormindo numa maca separada, um guarda observa Miguel e Esther. O guarda levanta e começa a tirar fotos do bebê com seu celular. Miguel e Esther se encaram fixamente, tentando se comunicar sem palavras. Miguel sente que algo de muito errado vai acontecer com a moça.

Humberto, mais uma vez insone, fala sobre o dia em que encontrou Esther. Foi armada uma emboscada, onde ele iria à frente para rendê-la em sua casa e um grupo pequeno estava nos arredores para dar cobertura. Quando Esther chega em casa, ele a aborda, e ambos olham fixamente um ao outro. Iluminando Esther, Humberto vê nela uma expressão firme, e percebe que ela está grávida. Em uma estante, a foto de Esther e Tavinho são, para Humberto, a confirmação de que ela não foi quem o matou. Desconfiando de toda a sua missão, numa atitude impetuosa, Humberto diz para Esther fugir pela janela e evitar a rua onde o grupo de militares estão no aguardo. Esther nada responde e foge. Só então Humberto percebe a gravidade do que fez e dá um tiro em seu próprio ombro, para emular uma troca de tiros que antecederesse a fuga de Esther. Humberto, uma vez mais, questiona sobre escolhas: como se avaliar uma escolha como a dele, feita no ímpeto? Como avaliar uma escolha, por suas intenções ou por suas consequências?

No fim do expediente, Miguel passa pelo escritório de Ruben, mas a porta está entreaberta. Ruben está deitado num sofá, apagado. Em uma de suas mãos, tem uma garrafa

vazia, na outra, um pingente. Miguel se aproxima lentamente para ver o pingente de Ruben, e nele está a foto tirada pelo guarda do filho de Esther.

Capítulo 4.

Enquanto Esther dorme, o neném finalmente aceita tomar leite na mamadeira. As enfermeiras reagem felizes, enquanto Miguel fica apavorado. Miguel entende, ainda que superficialmente, que o neném é importante para Ruben e que Esther só está sendo mantida ali enquanto o amamenta.

Transtornado, Miguel vai até Humberto e novamente eles debatem, o debate mais abstrato até então. Miguel argumenta que tudo existe num estado de harmonia e que o desequilíbrio é passageiro; Humberto, por outro lado, diz que nada se move sem que haja um impulso externo, e que a harmonia é uma ilusão causada pela inércia. Humberto percebe que o que ele fala incomoda Miguel e tenta achar um meio-termo, reconhecendo que, às vezes, agimos no mundo pela inércia – como ele mesmo o fez ao recusar atacar Esther. Miguel rejeita essa ideia e diz que isso é uma forma covarde de entender a ação humana. O debate não chega a nenhuma unidade, como em todos os momentos anteriores, deixando ambos os primos reflexivos: Humberto reconhece que tomou uma decisão justa no passado e Miguel reconhece a necessidade de tomar uma decisão justa no presente.

No fim do expediente, numa noite chuvosa, Miguel acompanha Ruben, que caminha embriagado até seu carro, mantendo certa distância e colocando uma cobertura no rosto, para disfarçar-se. Quando Ruben chega ao carro, Miguel aponta um revólver a ele e diz para que coloque seu armamento no chão do estacionamento. Silenciosamente, os dois entram no carro. Miguel diz para que Ruben dê ordem para soltar Esther e seu neném.

Ruben tenta argumentar que Esther é uma insurgente perigosa e Miguel responde que sabe do plano de Ruben, de separar Esther de seu filho. Ruben argumenta que, por ação direta dela, vários jovens ingressaram na subversão e que isso destruiu famílias. Miguel responde, dizendo que os jovens ingressam na insurgência por sua livre vontade, e Ruben diz que eles o fazem porque não sabem que vão acabar morrendo. Miguel é irredutível e Ruben dá o comando para os guardas de Esther.

Humberto, dormindo, acorda com o som do choro de um neném passando pelo corredor. Ele levanta com dificuldade de sua cama e vê pela janela o carro de Ruben com um mascarado apontando-lhe uma arma. O sargento, com expressão iracunda, diz que reconhece a

voz do mascarado e que vai fazer de sua vida um inferno. Miguel vê a silhueta de Esther correndo à distância com seu neném. Por acaso, troca olhares com Humberto, que o observa silenciosamente e não chama atenção dos guardas. Os dois, por caminhos completamente diferentes, tomaram a mesma escolha, poupando a vida da mesma pessoa.

Epílogo.

Em voice-over, ouvimos uma carta escrita por Esther. Ela agradece ao homem que a salvou duas vezes e fala sobre a natureza das escolhas – ao mesmo tempo que o homem só pode fazer escolhas baseado no que já existe, ele pode transformar isto que existe e gerar outras possibilidades. Esther argumenta que, ainda que fracasse, a insurgência conseguiu provar isso, pelo tanto de necessidades novas que abriu e cujas consequências são irreparáveis. Esther convida-o para encontrar com ela num local secreto.

Um dos primos-gêmeos – não sabemos se é Humberto ou Miguel – desce de um carro, retirando uma viseira. Eles estão num morro, num local arborizado e com vista ampla. Está no fim da tarde, no pôr do sol. Esther o cumprimenta apertando sua mão e eles se sentam para ver o poente. Uma criança aparentando uns sete anos brinca próximo aos dois.

5.4 Roteiro

CONTRAPONTO

Escrito por

Daniel Moreno

PRÓLOGO

CARTELA: JANEIRO

1 EXT. PÁTIO DO HOSPITAL SANTA BÁRBARA - NOITE

Noite chuvosa. No estacionamento do HOSPITAL SANTA BÁRBARA, *carros civis* estão estacionados. Uma *ambulância* entra pelo *pátio frontal* do prédio, escoltada por um *jipe militar*. MIGUEL, o cirurgião chefe do hospital, sai pela porta da frente. Quando a *ambulância* estaciona, dois homens com traje militar e *fuzis* descem do *jipe* e fazem a sua guarda.

Logo após Miguel, enfermeiros empurrando uma *maca* vão em direção à *ambulância*, retirando dela HUMBERTO, um soldado em coma, com um *curativo grande* no pescoço e parte do ombro.

Miguel se aproxima rápido da *maca*, pegando chuva. Miguel e Humberto são primos, de fisionomia similar. Miguel acompanha a *maca*, apreensivo; abre a boca para falar algo mas não diz nada.

A *maca* com Humberto entra no prédio e Miguel fica parado na chuva, atônito. Miguel encara seu reflexo pelo *retrovisor* do *jipe* que trouxe Humberto.

CUT TO: TELA PRETA

CONTRAPONTO

CAPÍTULO 1

CARTELA: MARÇO

2 INT. CORREDORES DO SEGUNDO ANDAR DO HOSPITAL - DIA

Há trânsito ordenado de pacientes e staff hospitalar nos corredores do hospital. A porta do quarto hospitalar de número 200 se abre e dele sai Miguel, com uma *prancheta* em mãos. SEU DOMINGOS, o zelador do hospital, um senhor idoso e de expressão amável, limpa um dos cantos do corredor com outros funcionários de limpeza.

Miguel folheia os *papeis* que tem em mãos, com vários nomes de pacientes, seguidos do número de seus quartos e outras informações. Miguel encontra o nome de Humberto, seguido do número 205, e da data de entrada, 20 de fevereiro.

Miguel espicha o pescoço e observa um quarto no final do corredor. Miguel prepara-se para entrar no quarto 231, mas hesita e vai em direção ao quarto 205. Quando abre a porta do quarto, fica surpreso.

3 INT. QUARTO 205 - DIA

Humberto está acordado, olhando fixamente para Miguel, na porta entreaberta. Miguel encara Humberto por alguns segundos, hesitando em falar algo. Humberto sorri para Miguel e Miguel retribui o sorriso.

MIGUEL

Consegue falar?

Humberto abre a boca para falar, mas permanece em silêncio. Ele observa uma *cama* vazia do outro lado do quarto; em cima dela, *lençóis bagunçados* e um *necessaire* aberto, mostrando uma *escova de dentes*. Miguel vai até a cama e fecha o *necessaire*.

MIGUEL

Eu fiquei esses dias...

HUMBERTO

(interrompendo)

Ai, Miguel, como dói só poder te rever nessas circunstâncias...

Miguel vai à direção de Humberto.

MIGUEL
(interrompendo)
Primo, você está confortável? Quer
que...

HUMBERTO
(interrompendo)
Ah, eu estou um pouco... Nossa...
Tonto ainda, será que tem como...

MIGUEL
(cont.)
Quando soube o que aconteceu, eu fiz
de tudo para que você...

HUMBERTO
(interrompendo)
Eu vou ficar sequelado? Dói muito
quando eu...

MIGUEL
(cont.)
Eu fiz de tudo... Ainda bem que deu
certo... Dói quando o quê?

HUMBERTO
Você fez de tudo?

MIGUEL
Pra você vir pro Santa Bárbara, pra
você não ficar passando de mão em mão
por aí...

HUMBERTO
(interrompendo)
Dói quando eu me inclino, dói até o
quadril, como se fosse um nervo...

MIGUEL
(cont.)
Mas no final das contas deu certo.

HUMBERTO
Deu certo o quê?

MIGUEL
Você está aqui!

Miguel se senta na ponta da *cama* de Humberto e estica as
pernas.

MIGUEL

(cont.)

Sob meus cuidados. Não sei como ficou questão de protocolo, se a hierarquia toda ficou de acordo... Isso se resolve depois. Aqui você tá seguro.

HUMBERTO

Eu agradeço muito o esforço. Eu me sinto muito mais...

MIGUEL

(interrompendo)

Essa sua dor... Ah, desculpe, pode continuar.

HUMBERTO

Não, diga.

MIGUEL

Não, o que você ia dizer?

HUMBERTO

Pode falar.

MIGUEL

Então... É isso: a bala não atingiu nenhum nervo alto, pela região do pescoço. Quanto à dor, dormência, fraqueza muscular... Isso se deve a você já estar deitado há vários dias...

HUMBERTO

(interrompendo)

Faz quantos dias?

MIGUEL

(cont.)

Ou então você pode ter tido uma distensão e aí teremos que acompanhar o ciático... Faz sete semanas amanhã.

HUMBERTO

E você esteve aqui no quarto esse tempo todo?

MIGUEL

O que você ia dizer naquela hora? Desculpa, eu tinha interrompido.

HUMBERTO

Que eu me sinto muito mais seguro...
Sabendo do seu cuidado.

Os dois trocam olhares e um meio sorriso. Miguel põe a mão em cima do braço de Humberto.

MIGUEL

Como é bom te rever, meu primo!

Humberto sorri, mas ainda com um visível desconforto. Miguel se levanta e checa o *suporte do soro*. Depois, ele lê os *papeis* que estão na sua *prancheta*, e franze a testa ao ler.

Ele se estica até a *mesa de cabeceira* de Humberto e pega uma outra *prancheta*. Miguel lê as duas, comparando-as, e tira duas *canetas* do bolso da *beca*: uma *azul* e outra *vermelha*, e então faz marcações nos *papeis* com as duas. Humberto observa atentamente o procedimento meticulado.

HUMBERTO

Cirurgião chefe! Fiquei sabendo!

MIGUEL

(risonho)
Faz pouco tempo.

HUMBERTO

Muita responsabilidade!

MIGUEL

Responsabilidade eu tenho faz mais tempo... Nós temos, né!

HUMBERTO

Ah, Miguel, menos. Eu nunca subi da infantaria; sou raso, deve dizer nesses seus papeis.

MIGUEL

Bem, se para você responsabilidade é mandar...

Miguel olha a porta aberta, vai até ela e a fecha, encostando-se na parede próxima.

MIGUEL

(cont.)
Nem eu nem você mandamos em nada. As "circunstâncias" é que mandam.

HUMBERTO

A guerra.

MIGUEL

As circunstâncias.

Miguel olha a *janela* que fica atrás da *cama* de Humberto aberta, e vai até ela para fechá-la. Ao fazê-lo, escuta um *ruído metálico* de pinos, vindo da *janela* do andar de cima, e espicha sua cabeça para fora do prédio através da janela, para ver de onde o ruído vem.

HUMBERTO

Bem, essas "circunstâncias" sem nome... Me puseram lá, no fogo cruzado, e você aqui, tirando as balas.

Miguel tira a cabeça da janela e olha para Humberto.

MIGUEL

Em minha defesa, eu faço um pouco mais que isso!

Miguel fecha a *janela* e se aproxima de Humberto, que está abrindo e fechando seus punhos, exercitando-os.

MIGUEL

(cont.)

Se bem que, recentemente, isso tem sido mais frequente.

HUMBERTO

Eu só faço o que eu faço.

MIGUEL

É como uma guerra em dois frentes.

HUMBERTO

(jocosos)

Ah, não me venha com essa.

MIGUEL

É sim! No fim das contas, quem vence é o lado que morre menos, não é? Eu tenho feito minha parte...

HUMBERTO

Ou o lado que mais repõe seus mortos.

MIGUEL

Ou seja, quase o mesmo. Mais uma vez,
primo, somos quase irmãos em tudo...

HUMBERTO

(interrompendo)
Mais uma vez?

MIGUEL

Que nem titia falava.

HUMBERTO

(jocosos)
"Quase"?! Miguel! Por favor. Que
memória seletiva!

MIGUEL

Até hoje a gente se parece...

HUMBERTO

(interrompendo)
Nada a ver...

MIGUEL

(cont.)
Lá no fundo...

HUMBERTO

(interrompendo)
Nós não temos nada a ver, Miguel.

Miguel olha com carinho para Humberto. No fundo, ele sabe que eles são muito menos similares do que ele gostaria, mas as poucas semelhanças, para ele já basta.

Da mesma *janela* de onde tinha ouvido o ruído, Miguel vê dedos e depois o pé de ESTHER, dependurado, como ela estivesse tentando descer do andar de cima. O ângulo da *cama* impede Humberto de ver. Miguel não diz nada, para não assustar seu primo.

MIGUEL

Com licença, primo. Tenho de resolver
uma coisa rapidinho.

HUMBERTO

Miguel...

MIGUEL

Oi.

HUMBERTO
Obrigado por tudo.

4 INT. CORREDORES DO SEGUNDO ANDAR DO HOSPITAL - DIA

Miguel, com aspecto preocupado, sai do Quarto 205 em direção aos *elevadores* e passa por funcionários do hospital indo e vindo, carregando pacientes em *cadeiras de roda*, num fluxo mais agitado que antes.

Um enfermeiro, levando um paciente em maca, aperta repetidamente no *botão* de chamar o *elevador* para que possam descer, porém nenhum dos *elevadores* abre suas portas.

Vendo isso, Miguel vai em direção à *escadaria* do hospital.

5 INT. ESCADARIA DO HOSPITAL - DIA

Passando pela *porta corta fogo*, Miguel ascende as escadas, mas reduz o passo ao ver dois militares, MILITAR 1 e MILITAR 2, sentados nos degraus que precedem a entrada do andar superior. Militar 2 está fumando um *cigarro*. Há um *ruído abafado*, aparentando ser uma luta corporal de alguém sendo restringido, vindo do terceiro andar.

MIGUEL
Que é isso aí?

Militar 1 e Militar 2 se levantam lentamente.

MILITAR 1
É que ele tem ansiedade.

MILITAR 2
Só tem piorado.

MIGUEL
Não, o barulho...

Miguel espicha o pescoço e vê, pela abertura da *porta corta fogo* do terceiro andar; o quarto 305, com a porta entreaberta, de onde o *ruído* emana e se intensifica. Miguel sobe um degrau para se aproximar da entrada do terceiro andar.

MILITAR 1
Desculpe, senhor...

No *crachá* de Miguel, seu nome, registro e ocupação como cirurgião chefe.

MILITAR 2

(cont.)

Miguel.

MILITAR 1

Miguel. O andar está sendo interditado e será reorganizado para o esforço de guerra.

MIGUEL

O quê? Quem deu a ordem?

MILITAR 1

A capitã.

MIGUEL

Capitã?! Como?! Eu sou o cirurgião chefe e diretor provisório do Santa Bárbara. Sem condições isso!

Militar 2 traga o cigarro.

MILITAR 1

Veja, seu Miguel, nós só estamos dando o informe. Podemos te levar até a capitã.

Militar 2 gesticula que quer terminar seu cigarro, ao que Militar 1 responde permissivamente. Miguel observa os dois irritadiço.

6 INT. CORREDORES DO TERCEIRO ANDAR DO HOSPITAL - DIA

Os corredores estão vazios e com aspecto soturno, com *restos de papel* e *luvas descartáveis* pelo chão indicando que foram esvaziados com pressa. Militar 1 e Miguel passam defronte ao quarto 305, cuja porta entreaberta se fecha abruptamente. Miguel segue, mas vira a cabeça para trás, olhando a porta fechada do quarto. Durante o percurso, Miguel chacoalha a cabeça, incomodado, mas tenta segurar seu sentimento respirando fundo.

Os dois caminham até a frente da Sala da Diretoria e Militar 1 bate na porta.

Após um tempo, RAQUEL abre a porta, com expressão fechada, sonolenta, mas de postura rígida e cabelos presos. MILITAR 1 bate continência e ela o dispensa com um sinal informal. Raquel lê o crachá de Miguel, pressionando os olhos.

RAQUEL
(para Militar 1) Faça a guarda.

MILITAR 1
Sim, senhor!

RAQUEL
(para Miguel) Sinta-se à vontade.

7 INT. SALA DA DIRETORIA - DIA

A Sala da Diretoria é mal iluminada, com um *pano* assumindo papel de persiana improvisada cobrindo a janela. O *sofá* está vestido de um *lençol*, fazendo-se de cama improvisada para a capitã. Uma *garrafa de vinho vazia* escondida por detrás do *sofá* chama a atenção de Miguel.

A mesa central está vazia, a não ser por um *porta-retratos* com uma fotografia de Raquel, bem mais nova, carregando um menino no colo, vestindo um macacão azul.

Despejados no interior de uma *caixa de papelão*, ao lado da mesa, todos os outros materiais que outrora estariam em cima dela: *pranchetas, modelos anatômicos de resina, calendário, etc.*

Raquel faz sinal para Miguel se sentar enquanto retira o *pano* da janela, iluminando o ambiente. Miguel se senta, apertando os olhos com os dedos, como se tentando controlar-se para reagir bem durante a conversa.

RAQUEL
(jocosa)
Claro, esta tem sido praticamente sua casa faz alguns meses, pelo que soube. Você já deve estar à vontade o suficiente.

MIGUEL
É...

Raquel se senta do outro lado da mesa.

RAQUEL
Sim. Bem, doutor, imagino sua surpresa. Tivemos que instalar a administração militar aqui muito rápido, e isolar o acesso ao andar... Não te informaram do deslocamento dos pacientes?

MIGUEL

Veja, senhora...

Miguel lê o *crachá* de Raquel, com nome, registro, tipo sanguíneo e patente militar de capitão.

MIGUEL

(cont.)

Capitã. Administração militar? Eu não sei do que se trata essa operação... Eu não sei nem por onde vocês entraram, que eu não vi. Vocês não podem chegar assim, furando a nossa hierarquia interna como bem entenderem! Eu entendo as circunstâncias... Mas tudo aqui tem passado por mim desde a morte do Odair.

RAQUEL

(surpresa)

Ah!

Raquel demonstra surpresa como se algo tivesse se esclarecido para ela naquele momento. Raquel observa Miguel da cabeça aos pés. Após um suspiro, ela estende sua mão à Miguel, que a aperta relutantemente. A expressão de Raquel fica mais afável.

RAQUEL

(cont.)

É um prazer conhecê-lo, Doutor Miguel. E sim, reconheço que houve quebra de protocolo... E destacaremos isso no relatório preliminar. Pode ter ocorrido, no meu entender, que as duas vias da requisição deste andar tenham sido enviadas para o falecido Doutor Odair e...

MIGUEL

(interrompendo)

Duas vias! Pra um morto! Desculpe.

RAQUEL

(cont.)

Devido à urgência, tivemos de exercer o direito de arbítrio - que prevalece sobre qualquer jurisdição civil pública e privada, reconhecido em nosso contexto especial...

MIGUEL

(interrompendo)

Esvaziar um andar inteiro! Um andar inteiro de leito!

RAQUEL

Estamos à espera de novas ordens.

MIGUEL

Mas um andar inteiro?

Raquel permanece estoica, apesar das intervenções de Miguel. Miguel se retrai, repousando seu queixo em suas mãos, tentando restringir sua indignação. Ele nota o *porta-retratos* com a foto de Raquel.

Raquel se aproxima com o corpo para frente e fala com um tom mais ameno.

RAQUEL

Veja... Trata-se de uma questão humanitária chave. Esperamos sua cooperação... Apesar dos defeitos de nossa abordagem inicial.

MIGUEL

Aqui não é um hospital de campanha...

Beat.

Miguel se levanta da cadeira, e, de costas para Raquel, vai em direção à porta.

MIGUEL

(cont.)

... E eu não vou colaborar com tortura!

RAQUEL

(surpresa)

O que você está sugerindo?!

Miguel vira-se de frente para Raquel.

MIGUEL

Eu vi... Eu vi uma pessoa tentando fugir pela janela... Do quarto 305. Podia ter se arrebatado! Eu não vou permitir isso por debaixo de meu nariz, de jeito algum! "Direito de arbítrio"... Eu sei muito bem o que

tem sido feito. "Arbítrio"!...

RAQUEL

(suspirando)

Certo. Bem... Pode se sentar, Doutor Miguel. Por favor. Vamos esclarecer isso. Não precisa de animosidade.

Miguel hesita, mas retorna e se senta novamente. Raquel se aproxima com o corpo sobre a mesa.

RAQUEL

Veja... Estamos realizando aqui uma operação militar especial. Numa última incursão em região subversiva, nosso destacamento capturou uma espiã, da insurgência, muito ferida. É ela que está no 305.

Raquel se encosta na cadeira.

RAQUEL

(cont.)

Você sabe como está o momento. Um dos nossos foi ferido. Você sabe do que essas... Pessoas são capazes. Ela precisa de tratamento, não podíamos deixar ela para morrer e, se a informação vazasse, de qualquer maneira, seja onde ela estivesse haveria distúrbio... Tanto da subversão quanto da direita.

MIGUEL

Meu deus...

RAQUEL

É claro que ela tentaria fugir... Mas não podemos deixar que ela vá embora, mesmo detida, na condição em que está. Sei que essas questões de ética não lhe são novidade...

MIGUEL

(interrompendo)

Ética?! Vocês fizeram desse hospital um barril de pólvora.

RAQUEL

(batendo com os dedos na mesa
impacientemente)

Não vai vazar. É uma operação
especial, completamente acobertada.
Tomamos precauções. Formamos um
pequeno destacamento somente para
isso. Temos prazos...

MIGUEL

(interrompendo)

Você sabe que aqui tem neonatal, não
sabe? Que tem pediatria?!

Raquel se engasga. Os dois se encaram em silêncio. Miguel
lentamente murcha sua expressão, se levanta e vai em direção
à porta.

RAQUEL

Temos prazos. Um mês. Dois no máximo.
Assim que ela se recuperar,
retornaremos à normalidade.

MIGUEL

Espero.

RAQUEL

Mais algo que você queira colocar?

MIGUEL

(hesitando)

O seu soldado. Estava fumando aqui
dentro.

RAQUEL

Sim. Ele tem ansiedade.

Beat.

8 EXT. AVENIDA - NOITE

Dirigindo em seu carro, MIGUEL resmunga de maneira
incompreensível.

MIGUEL

Cada uma... Ética... E eu...

Seu carro para em frente a um *semáforo* fechado. Quando o
sinal abre, Miguel permanece parado, em vã tentativa de
demonstrar controle.

Ele olha para os lados e para trás, mas a avenida está completamente vazia. Permanece parado.

9 INT. QUARTO 205/MEMÓRIA - NOITE

Humberto se revira na cama, tenta afofar o *travesseiro*, sem encontrar posição confortável para sua dor. Humberto vira de frente para encarar o teto e uma *luz teatral* entra pelas janelas, iluminando um canto do quarto.

O sentido das cenas marcadas como "Memória" é que, no mesmo ambiente do Quarto 205, se reconstrua, em parte dele, uma cena com elementos do passado de Humberto com os quais ele possa interagir, emulando um palco teatral. A luz que indico como *luz teatral* é uma luz artificial, direcional, similar a um holofote. Tudo acontece no mesmo ambiente, onde Humberto fica, à meia luz, assistindo à sua própria memória encenada, na qual sua versão passada é apresentada como HUMBERTO (SOLDADO).

HUMBERTO

Será que eu fiz o certo?

No canto do quarto, a capitã Raquel está sentada em uma mesa, e Humberto (Soldado), com roupas militares, a encara, em disposição similar à que Miguel havia sido recebido logo antes. Humberto se senta na cama, de costas para a cena.

RAQUEL

Está entendido?

HUMBERTO (SOLDADO)

Sim, senhor.

RAQUEL

Só é para voltar um para casa. Trata-se de um espião perigoso, responsável por baixas importantes. Hesitar é perder.

HUMBERTO

Sim, senhor.

RAQUEL

Você me foi indicado por sua experiência anterior e discrição. Essa é uma operação sigilosa, responsabilidade grande. Uma vez aceita, você só reportará a mim.

HUMBERTO

Eu tinha escolha?

HUMBERTO (SOLDADO)

Sim, senhor.

HUMBERTO

Mas eu não sinto que tive escolha. Nenhum de nós sentia. A gente sempre dizia pelos cantos que tinha sido arrastado para ali. Que fazia contagem regressiva pra voltar... Que diferença faria se eu recusasse?

RAQUEL

Independente do que você sentiu, sua escolha está registrada.

HUMBERTO

Sim. E essas formalidades me irritam. Tudo protocolar. Tudo para poderem medir meu valor num documento, lá na frente, seja quem vença. Só tenho como perder: se recuso, sou traidor da pátria; se aceito, sou criminoso de guerra.

HUMBERTO (SOLDADO)

Ou herói.

HUMBERTO

O herói faz escolhas.

RAQUEL

O que te faz pensar que do outro lado é diferente?

HUMBERTO

Os comunistas também têm exército, têm pelotão; eu vi os filmes, eu li os relatórios... Mas se eles *provocaram* tudo isso, eles fizeram uma escolha. Eles decidiram o que estava errado e decidiram o que fazer. Deram marcha. As circunstâncias já não são as mesmas. Por causa deles que eu fui recrutado - são eles que mandam em mim.

HUMBERTO (SOLDADO)

Por causa da guerra. Pelo futuro do

Brasil. Porque lutamos pela liberdade.

HUMBERTO

Liberdade! Mas se são eles que fazem as escolhas, não parece ser eles que são livres? Que nós só reagimos à liberdade deles? Parece, não. Nenhum de nós seguraria a tortura. Nenhum de nós teve que aceitar ou negar nada. De nossa parte, nada mudaria. Se eu não tinha escolha, como saber se fiz o certo?

HUMBERTO (SOLDADO)

Eu aceito, senhor.

RAQUEL

Bom. Dispensado.

Beat.

CUT TO: TELA PRETA

CAPÍTULO 2

CARTELA: MAIO

10 INT. CORREDORES DO SEGUNDO ANDAR DO HOSPITAL - DIA

O hospital está agitado. *Macas* são levadas de um lado para outro, todo o staff hospitalar está em movimento. Alguns pacientes xingam de dentro dos quartos, em *off*. Há menos funcionários de limpeza que na Cena 2.

Miguel, desconfortável, esforça-se em passar por entre seus colegas de trabalho, fazendo pequenos acenos simpáticos. Seu Domingos, entre esse pessoal, acena de volta.

11 INT. QUARTO 205 - DIA

Miguel entra no quarto 205 e troca sorrisos com Humberto. No pequeno espaço de tempo da porta entreaberta, ouve-se todo o alvoroço dos corredores.

HUMBERTO

Inferno.

MIGUEL

Bom dia, primo.

Miguel põe-se a checar os *aparelhos*, a *cama*, os *papeis na prancheta*, os *raios-x*...

HUMBERTO

Você já não vinha aqui a alguns dias.

MIGUEL

Ah, primo... Eu estou tendo que administrar tanta coisa... Parece que tudo deu errado em minhas mãos.

HUMBERTO

Não é culpa sua.

MIGUEL

A responsabilidade é minha. Eu assumi. Não posso culpar outro, né? Não tenho a quem culpar.

Miguel se aproxima para ver o *curativo* de Humberto.

MIGUEL

E como está o pescoço, meu querido?

HUMBERTO

Tem uma guerra acontecendo, Miguel. Tá mais difícil para todo mundo.

MIGUEL

Te incomoda?

HUMBERTO

Demais. Mais quando vou dormir. Não tenho conforto. Não dá para relaxar o corpo nem a mente assim...

MIGUEL

E esse incômodo é exatamente aonde?

HUMBERTO

Às vezes eu deito de lado para aliviar, mas sinto o braço dormente... Por que não cicatriza? Faz meses! Meses... A enfermeira disse que não é normal.

Miguel se senta na outra *cama* do quarto, cabisbaixo, e repousa seu queixo em suas mãos.

MIGUEL

A guerra chegou até aqui. Achei que o Santa ia ser um porto seguro.

HUMBERTO

Miguel...

MIGUEL

(interrompendo)

Ô primo... Essa região é muito sensível, enervada... A gente sutura, faz antisepsia, acompanha os sintomas. Mas cada corpo tem seu tempo. Seu corpo todo está lutando para se regenerar.

HUMBERTO

(cont.)

Não tem porto seguro. Nós estamos perdendo território.

MIGUEL

(sussurrando)

Não tem nós numa guerra civil. O Brasil é um só. Toda essa situação é uma tristeza...

HUMBERTO
(interrompendo)
Claro que tem nós.

MIGUEL
(cont.)
Mas eu sei que o Brasil vai sair
fortalecido dessa, sarado. Vai haver
paz, acordo. Tem que saber negociar,
tem que ceder.

HUMBERTO
Miguel, em guerra só se faz acordo
sobre o que já foi decidido. Isso só
vai terminar quando um lado destruir o
outro.

Humberto se senta em sua *cama*. No processo de se levantar,
faz cara de dor.

HUMBERTO
(cont.)
Tudo bem que o corpo se regenera. É
verdade. Se você quebra um osso, o
osso regenera, basta esperar. Mas...
Me corrija se eu estiver errado. O
osso pode regenerar todo bagunçado se
não tiver uma tala, um gesso. Quer
dizer, a que tipo de paz vai chegar,
depende de quem vencer.

MIGUEL
Paz é paz. Melhor que esse sufoco.

HUMBERTO
Você não se preocupa com o futuro do
Brasil.

Miguel se levanta da cama, surpreso.

MIGUEL
(jocosos)
Eu não me preocupo?

HUMBERTO
Não.

Miguel vai até Humberto e o ajuda a se deitar de novo,
colocando-o de maneira confortável no *travesseiro*.

MIGUEL

Engraçado. Porque, na residência, me chamavam até de idealista. Eu sempre fui apaixonado, sabe? Meus colegas quase todos, a mesma história: vinham de famílias tradicionais, já tinham clínica da família pra trabalhar... Eu não, você sabe, nossa família... Eu sempre achei que podia mudar algo, fazer algo melhor com essas ferramentas. Talvez eu não salve o "futuro do Brasil"... Mas posso salvar alguns brasileiros.

HUMBERTO

Qualquer brasileiro?

MIGUEL

Qualquer brasileiro.

HUMBERTO

Para salvar o Brasil, talvez seja necessário salvar só alguns brasileiros.

MIGUEL

Se depender de mim, da minha mão, da minha capacidade... Qualquer brasileiro.

Miguel vai em direção à porta, enquanto Humberto encara o teto. Miguel abre a porta para sair.

HUMBERTO

Não é assim que se raciocina numa guerra...

MIGUEL

Exato. Aqui não é um hospital de campanha.

12 INT. CORREDORES DO SEGUNDO ANDAR DO HOSPITAL - DIA

Ao sair do quarto, Miguel percebe, na *escadaria do hospital*, uma movimentação atípica: MILITAR 3, à paisana, com *óculos escuros e máscara hospitalar*, sobe para o terceiro andar do Hospital Santa Bárbara usando as escadas, com um *pacote* em mãos. Sua expressão é agitada e olha para todos os lados procurando por câmeras. É possível ver no volume por debaixo de sua *camisa* que ele está *armado*.

Miguel se esconde ao vê-lo, temendo que se trate do alardeado atentado terrorista. Paralisado, fica aguardando por um tempo e então caminha cautelosamente até a escadaria.

13 INT. ESCADARIA DO HOSPITAL - DIA

Miguel sobe pela escadaria, medindo cada passo, nervoso de estar se metendo em confusão. Escuta do terceiro andar um barulho indistinto de sussurro em off.

14 INT. CORREDORES DO TERCEIRO ANDAR DO HOSPITAL - DIA

Miguel vê a porta do Quarto 305 entreaberta e vê o *pacote de papelão aberto no chão, com fraldas, lenços umedecidos e parafernália de cuidados de criança*. Ele entra lentamente no quarto.

15 INT. QUARTO 305 - DIA

A espiã, ESTHER, dá de mamar a um neném de poucos meses em sua maca. Militar 2 fuma um cigarro na janela aberta, enquanto Militar 1 fala algo baixinho em seu ouvido. Militar 3 está sentado numa *poltrona*, se descaracterizando. ENFERMEIRA 1 e ENFERMEIRA 2 fazem a vistória de Esther.

Miguel entra na cena e Esther cruza olhar com ele, espantada. Então, todos os demais olham para Miguel.

16 INT. SALA DA DIRETORIA - DIA

A Sala da Diretoria se mantém no mesmo estado de outrora (Cena 7), mas agora, *várias garrafas de vinho vazias encontram-se rente a um canto do cômodo, empilhadas metodicamente*. A parede por detrás da *mesa* está enfeitada com uma *bandeira do Brasil*.

Miguel anda de um lado para outro, enquanto, do outro lado da mesa, Raquel espera estoica que ele conclua seu raciocínio.

MIGUEL

... questão humanitária chave! Você disse que ela estava ferida? Ela parece bem! Amamentando!

RAQUEL

(interrompendo)

Eu não poderia ter aberto toda a situação de uma vez só.

MIGUEL

(cont.)

E eu que achei que era uma bomba que estavam levando! Fralda, talco! Vocês trouxeram essa criança num pacote, assim também? Caralho!

RAQUEL

Por favor, Doutor, se sente.

MIGUEL

Caralho!

Beat.

Miguel hesita, mas se senta.

MIGUEL

Vocês não tem transparência, caramba! Nenhuma! Você disse dois meses no máximo! Desculpe.

RAQUEL

Sem problema.

MIGUEL

Essa criança... Como eu vou saber se está tudo em ordem, se ela não precisa de nada mais? Se não fosse esse acaso, de minha curiosidade, ia ficar por isso mesmo?

RAQUEL

Vamos garantir para que a criança tenha todo o cuidado necessário.

MIGUEL

Você tinha dito dois meses no máximo!

RAQUEL

Veja, Miguel, nossa equipe assumiu tudo desde o parto; tudo tem fluído de maneira muito tranquila. Me deixe falar. O único problema que temos tido é a agressividade dela...

MIGUEL

(interrompendo)

Desde o parto?! Ela pariu aqui?!

Beat.

Miguel levanta, empurrando a *cadeira*, e caminha em direção à porta.

RAQUEL

Eu... Achei que você tinha sido informado!

Miguel hesita na frente da porta.

RAQUEL

(cont.)

Para onde você está indo? O que você tem em mente? Vai recorrer a alguém? A quem?

Beat.

RAQUEL

(cont.)

Certo. Trouxemos ela prestes a parir. Todo o resto é verdade. É um anjinho, nascido no meio de muita dor. O pessoal do neonatal veio nos ajudar. Ela deu a luz com cobertura no rosto, como precaução, para que sua identidade não vazasse.

MIGUEL

(baixo)

Porque ela tentou fugir?

RAQUEL

O quê?

MIGUEL

Naquele dia, ela tentou fugir pela janela. Por que ela faria isso no puerpério?

RAQUEL

(suspira)

Porque tivemos que tirar o neném dela. Achamos que é depressão pós-parto. Ela estava muito agressiva e isso poderia ter gerado uma situação de risco para o bebê.

MIGUEL

Mas ela está amamentando agora.

RAQUEL

Está. O bebê... Tentamos alimentar ele de todo jeito. Tentamos até dar outro peito para ele. Ele não mamava, tinha alergia. Não sabíamos o que poderia ser. Ele estava no soro. Tivemos que trazê-lo de volta, faz uns dias. Entendeu nossa situação?

MIGUEL

Vocês trouxeram essa criança de volta num pacote?

Beat.

Miguel volta até a *mesa* da capitã e põe suas mãos sobre ela.

MIGUEL

Daqui para frente, vocês não vão mais retirar o bebê dela.

RAQUEL

Doutor, com todo o respeito...

MIGUEL

(mais alto)

E eu quero ficar acompanhando ela em seu quarto!

RAQUEL

(mais alto)

Não eleve o tom de voz!

MIGUEL

(se encolhendo)

Desculpe...

RAQUEL

(cont.)

Ponha essa cadeira no lugar e se sente!

Miguel coloca a *cadeira* no lugar e se senta. Seu breve momento de bravura lentamente vai se esvaindo e, frente a um homem impotente e cabisbaixo, Raquel também relaxa sua postura, satisfeita.

RAQUEL

Aceito sua *sugestão*. Mais alguma coisa?

MIGUEL

O quê?

RAQUEL

Não vamos mais retirar a criança do prédio. Você vai participar da equipe como um colaborador civil... Mais alguma *sugestão*?

MIGUEL

Não.

RAQUEL

Você não poderá trocar palavras com a espiã. Nem um oi. Você não poderá trocar palavras com o resto da minha ou da sua equipe sobre isso. Essa é uma operação sigilosa. Você só reportará a mim.

MIGUEL

Certo.

RAQUEL

Bom. Dispensado.

Miguel se levanta, lentamente, e sai batendo a porta com cuidado.

17 INT. CORREDORES DO TERCEIRO ANDAR DO HOSPITAL - DIA

Miguel passa por Militar 1, que faz a guarda da Sala da Diretoria e anda pelos corredores cabisbaixo, humilhado. Para em frente ao quarto 305 e se recompõe.

18 INT. QUARTO 305 - DIA

Dentro do quarto, Esther nina seu bebê no colo. Enfermeira 1 fuma um *cigarro* na janela aberta, sem perceber que Miguel está entrando. Miguel encara Esther nos olhos e sorri.

MIGUEL

Oi.

Enfermeira 1 percebe que Miguel está no quarto e rapidamente joga seu *cigarro* pela *janela*.

19 INT. QUARTO 205/MEMÓRIA - NOITE

Humberto está deitado na sua cama de barriga para cima, olhando para o teto. Uma vez mais, uma luz teatral surge da

janela e ilumina um canto do quarto, onde se reconstrói uma cena do passado. Humberto a assiste apenas virando o seu pescoço para a direção da cena.

Num *beliche*, Humberto (Soldado) está na cama de baixo e em cima está COLEGA DE HUMBERTO. Humberto se revira em sua cama, como se não quisesse ver a cena, mas retorna a olhar apenas virando o pescoço. Os personagens marcados como "Voz" estão todos em off.

COLEGA DE HUMBERTO

(sussurrando)

Mas você não sabia disso?

HUMBERTO (SOLDADO)

Não.

HUMBERTO

Eu desconfiava, sim.

COLEGA DE HUMBERTO

(sussurrando)

Isso é sujeira, cara, é sujeira que tu se meteu. Viu? O Careca me disse que a capitã ficou doida desde que o Tavinho morreu. Desequilibrada.

VOZ 1

Eu mais o Baixinho pegamos ela bêbada.

VOZ 2

Qualquer mãe reagiria assim.

VOZ 3

(sussurrando)

Cala a boca! Vocês tão doido?

HUMBERTO (SOLDADO)

O que vocês acham?

HUMBERTO

Estava tudo errado. O quê que me movia? Não era patriotismo. Curiosidade? Carreirismo? Rotina? Eu não me lembro mais.

VOZ 3

(sussurrando)

Calado tu também, shhh!

HUMBERTO

Ah, vai pra p...

COLEGA DE HUMBERTO

(interrompendo)

Se lembra que quando o Tavinho sumiu, ela disse que a menina, a namorada dele, era infiltrada? Que queria fazer dele informante para os comunas?

HUMBERTO (SOLDADO)

Lembro...

COLEGA DE HUMBERTO

E daí amigo, que é dois mais dois.

HUMBERTO (SOLDADO)

O que você está sugerindo?

HUMBERTO

Não podia ser vingança pessoal. Não fazia sentido. Tavinho morreu na mão da polícia. O próprio PM pediu desculpas pessoalmente para a capitã. Porque ela me mandaria matar a menina?

HUMBERTO (SOLDADO)

Ela é comunista.

COLEGA DE HUMBERTO

Sim, Humberto, mas ela não é "espiã".

VOZ 1

É, mas se não fosse por ela...

VOZ 2

Besteira, Tavinho já era todo errado, cheio de cochicho, antes da mulher.

VOZ 3

(sussurrando)

Porra, se alguém entrar aqui! Eu vou dedurar todo mundo!

HUMBERTO

O namoro não era fachada, é verdade. E Tavinho não foi "corrompido", como a mãe dele falou. Tavinho dizia pelos cantos que ia desertar, que ia ser clandestino. Foi da consciência dele.

HUMBERTO (SOLDADO)
Comprometeu toda a unidade.

COLEGA DE HUMBERTO
Até o Baixinho chorou.

HUMBERTO
De repente não havia mais "nós". Ele morreu num aparelho - a polícia matou ele e mais outro.

HUMBERTO (SOLDADO)
Ele sabia no que estava se metendo.

HUMBERTO
Eu não sabia.

HUMBERTO (SOLDADO)
(virando-se para Humberto)
A gente não tem que *saber*. A gente não tem que *sugerir*. A questão é ter disciplina ou não. O exército mais disciplinado vence.

HUMBERTO
É verdade. Mas disciplina, para ser inquebrável, pede consciência do porquê das coisas. Um valor qualquer, por besta que seja. A nossa disciplina se baseia em nada. A gente não acredita em nada...

Humberto (Soldado), ri sarcasticamente, interrompendo o raciocínio de Humberto.

HUMBERTO
(cont.)
Os guerrilheiros também são disciplinados. Mas eles tem algo para além do adestramento. O que me levou a aceitar fazer parte dessa sujeira e o que levou Tavinho àquele aparelho são duas coisas bem diferentes. Se tivesse dado tudo errado, imagina! Se eu tivesse morrido? Não morreria com a consciência livre do Tavinho.

VOZ 1
(jocosos)
Consciência livre? Muito valor, hein, morrer e ir pra vala...

VOZ 2
(interrompendo)
Melhor que morrer para aliviar a
consciência de uma bêbada!

VOZ 3
(gritando)
Calem a boca, porra!

Todos ficam em silêncio.

CUT TO: TELA PRETA

CAPÍTULO 3

CARTELA: JULHO

20 INT. CORREDORES DO SEGUNDO ANDAR DO HOSPITAL - DIA

Há muito movimento no Hospital. Uma parte do corredor está *molhado*, indicado por *placas de piso molhado*. Como resultado, as pessoas que vêm e que vão tem que passar por um gargalo apertado, o que causa indisposição dos pacientes e staff hospitalar.

Miguel se espreme para passar pelo gargalo e percebe um *maço de cigarros* no bolso da calça de um enfermeiro na sua frente.

Saindo do gargalo, Miguel vê um GRUPO DE EVANGÉLICOS no fim do corredor distribuindo *panfletos*, entregando um deles para Seu Domingos, que enxuga outra área interditada com a ajuda de um funcionário da limpeza. O grupo logo entra em outro quarto quando percebe que estão sendo observados por Miguel. Miguel chacoalha a cabeça com desaprovação.

21 INT. QUARTO 205 - DIA

Humberto, deitado em sua cama, lê um *panfleto evangélico*.

HUMBERTO

(murmurando)

"Conheço as suas obras, sei que você não é frio nem quente"...

Miguel entra no quarto com uma *prancheta*.

MIGUEL

Bom dia, primo!

Humberto aponta para Miguel e segue lendo o *panfleto*, imitando um pastor.

HUMBERTO

(jocosos)

"Assim", Miguel, "porque você é morno, não é frio nem quente, irei vomitá-lo da minha boca". Apocalipse!

MIGUEL

De novo esse pessoal!

HUMBERTO

Já é o terceiro que eu recebo. Dá para colecionar.

MIGUEL

Acho que um dos seguranças é de congregação e deixa eles entrarem.

HUMBERTO

E você veio hoje mais simpático.

Miguel sorri e pega os *papeis* em cima da *mesa de cabeceira* de Humberto e os põe em sua *prancheta*. Ele tira duas *canetas* do bolso da *beca*, uma *azul* e outra *vermelha*, faz anotações e circula palavras. Humberto observa com atenção.

MIGUEL

Estava no neonatal. Criança é uma coisa que sempre alegra a vida. Tira da gente o que a gente tem de melhor.

Miguel se senta na ponta da *cama* de Humberto.

MIGUEL

(cont.)

Eu estou acompanhando uma mãe... Foi muito difícil o pós-parto. Disseram que ela queria morder o bebê. Eu não entendo como alguém conseguiria. Mas ficou tudo bem depois... Tão jovem...

Humberto fica reflexivo por alguns momentos sobre o que diz Miguel.

HUMBERTO

Ah, Miguel, para te ser sincero... Dá para entender.

Miguel olha assustado para Humberto.

HUMBERTO

Não... Não que alguém queira machucar uma criança...

MIGUEL

(interrompendo)

Ah, bem.

HUMBERTO

(cont.)

Mas que haja um certo estranhamento, Miguel. Da mãe, do bebê, aquela luta toda para nascer. Ele vem gritando, a mãe gritando, sangue pra todo lado, dor, o susto que o bebê deve sentir, o

susto da mãe de ser mãe.

MIGUEL

(interrompendo)

Não é assim também.

HUMBERTO

(cont.)

É uma cena. Eles eram uma coisa só e de repente: acaba. Imagina o susto que é. Pôr uma criança no mundo, nesses tempos. Tem que ser muito forte...

MIGUEL

Sim, primo. Mas ao mesmo tempo há um reencontro, o neném volta ao peito, eles voltam a ser um, entende? A mãe só é mãe porque tem filho, verdade; o filho sem a mãe também definha...

HUMBERTO

(interrompendo)

Eles agora são coisas separadas, indivíduos, isso que eu quis dizer.

MIGUEL

(cont.)

Eles eram um corpo só, sim, mas agora que esse corpo se separa, há um outro tipo de unidade. De espírito, de ternura. Algo mais forte que o cordão umbilical... Mais eterno.

Miguel pega o *panfleto* das mãos de Humberto e levanta, dando uma vista rápida no seu conteúdo.

HUMBERTO

(jocosos)

Você poderia ajudar a distribuir esses panfletos.

MIGUEL

Eu não sei como alguém acharia ser reconfortante dar um troço desse para um doente. Só citações do Apocalipse. Tenebroso.

HUMBERTO

Esses caras não querem consolar, Miguel...

MIGUEL

(interrompendo)

A gente, na família - acho que a tia também, né? - nunca fomos religiosos...

HUMBERTO

(interrompendo)

Mais ou menos.

MIGUEL

(cont.)

Mas sabe, primo, eu fico pensando quando esse pessoal vem aqui. Porque eu admito que algo me faz falta que a religião dá, ainda mais nesses tempos. Esse sentimento que você é um pedacinho de algo maior, mesmo, que tudo está em comunhão. Que há todo um tempo sagrado só para lembrar disso, estimular esse sentimento. E é isso que consola, que dá algum sentido, é produtivo. Porque saber isso é fácil, "ah, tudo: desse papel até as estrelas, tudo é feito de átomos". Falo de sentimento mesmo... A gente sempre sente sozinho.

HUMBERTO

E você acha que esses caras sentem isso?

MIGUEL

Devem sentir...

HUMBERTO

(interrompendo)

Miguel, eles sentem medo: medo do futuro, das incertezas, da maldade alheia. Da solidão. Todo mundo tem medo, nasce com medo, gritando...

MIGUEL

(interrompendo)

Algo que console nesses tempos.

HUMBERTO

(cont.)

Esse sentimento imenso não se sustenta sozinho. Se não houvesse essa angústia, se não se precisasse lutar

contra essa angústia, não tinha o que temer, não tinha que aguardar milagre, não tinha porque assumir nada.

Miguel manuseia a *ferida* de Humberto. O *curativo* está manchado de sangue.

MIGUEL

Ninguém tem que aguardar milagre para ter que ter fé. Se não, nunca daríamos nenhum passo. Não haveria natalidade em tempo de guerra... E, no entanto...

HUMBERTO

(interrompendo)

Ah, eu sou muito desconfiado de tudo...

MIGUEL

(interrompendo)

Não está sarando mesmo, hein?

HUMBERTO

(cont.)

... Acho que, por isso, não posso aceitar eternidades... É. Ainda sangra. Eu não sei o que é, você não sabe, ninguém sabe. Vou ficar aqui esperando, até ser convertido.

MIGUEL

(rindo)

Não vai demorar isso tudo. Confia em mim.

Miguel amassa o *panfleto* enquanto sai do quarto.

22 INT. QUARTO 305 - DIA

Miguel entra no quarto 305 e joga o *panfleto amassado* numa lata de lixo.

Sem notarem que Miguel entrou, Enfermeira 1 segura o bebê no colo, enquanto Enfermeira 2 tenta alimentá-lo com uma *mamadeira*. O bebê claramente rejeita a *mamadeira*, chorando. Miguel intervém na cena, tomando a *mamadeira* em suas mãos.

MIGUEL

De novo isso? Pra quê isso?

Enfermeira 1 encara Miguel e Enfermeira 2 nervosa, esperando

que alguém seja o primeiro a falar.

MIGUEL

Hein?!

ENFERMEIRA 2

Doutor... Você foi informado de que...
A gente que tá aqui não deve falar com
o senhor?

MIGUEL

Sim, e que eu não fale com vocês. Mas
que diabo é isso? O bebê pequeno
assim, vocês enfiando a bosta da
mamadeira na cara dele! Isso foi ordem
da capitã também...?

Enfermeira 1 e Enfermeira 2 se encaram. Miguel olha para
Esther e ela retribui, o encarando em silêncio.

MIGUEL

É, né? Difícil!

Miguel se aproxima da *janela* e põe a cabeça para fora, vendo
a distância da queda que se arriscara cair Esther. Enfermeira
1 e Enfermeira 2 põem o bebê numa *maca* separada de Esther.

CUT TO:

23 INT. QUARTO 305 - FIM DA TARDE

O bebê dorme em sua *maca* separada, mas sua mãe o observa de
longe com ternura. Enfermeira 1 mexe em seu *smartphone*.
Miguel cochila no chão, e acorda, discretamente, quando
Militar 2 entra no quarto 305 com um *cigarro* ainda não aceso
em sua boca, trazendo uma *caixa com parafernália de cuidado
de bebê*.

Após por a *caixa* no chão, retira de seu conteúdo um *gorro
azul bebê* e põe, junto à Enfermeira 1, no bebê, sem acordá-
lo. Miguel permanece discreto, observando a cena sem alertar
que acordou.

MILITAR 2

(sussurrando)

É lindinho demais, né? Ó.

ENFERMEIRA 1

(sussurrando, manhês)

Teimosinho lindo da titia.

Militar 2 tira fotos do bebê com seu *smartphone*. Miguel observa Esther olhando para a cena com os olhos cheios de lágrimas. Esther vira o rosto para Miguel e eles se entreolham fixamente, como se tentando comunicar algo sem palavras.

CUT TO:

24 INT. QUARTO 305 - NOITE

Miguel está sentado no chão, enquanto Esther dá de mamar para seu neném. Militar 1 e Militar 2 conversam enquanto Enfermeira 1 mexe em seu *smartphone*.

CUT TO:

25 INT. QUARTO 205/MEMÓRIA - NOITE

Deitado em sua cama, Humberto sente com os dedos que sua *ferida* começou a sangrar novamente. Humberto limpa seus dedos sujos no *lençol*, enquanto uma luz teatral surge da *janela* e ilumina o outro canto do quarto, onde se reconstrói, uma vez mais, uma cena do passado.

O canto do quarto está *mobiliado como uma modesta sala de estar* com uma *foto emoldurada de Esther e Tavinho*; representando a casa do casal. Humberto (Soldado), com um fuzil em mãos, está rente à parede, na escuridão. Em posição de guarda, espera a chegada de ESTHER (GRÁVIDA).

HUMBERTO

Eu não sei o que deu em mim naquela noite.

Esther (Grávida) entra no quarto, tranca a porta e se depara com Humberto (Soldado), que ilumina seu rosto com a *lanterna do fuzil*.

HUMBERTO (SOLDADO)

Perdeu! Sai de perto da porta!

Esther (Grávida) dá um grito.

HUMBERTO (SOLDADO)

Cala a boca! Nem tente nada! Tem mais dois me cobrindo!

Esther (Grávida) recompõe sua postura e coloca as mãos na cabeça. Humberto (Soldado) ilumina a parte inferior de seu corpo e percebe que Esther está grávida. Humberto (Soldado) dá alguns passos atrás, em choque.

HUMBERTO

Mas que critério eu usaria para saber se fiz o certo?

HUMBERTO (SOLDADO)

Não se mova!

HUMBERTO

Minha cabeça... Onde estava? Muita decisão pra pouco tempo. Porque eu mataria ela?

Humberto (Soldado) vira a cabeça para Humberto.

HUMBERTO (SOLDADO)

Hesitar é perder!

Humberto (Soldado) move o fuzil para o lado e ilumina a *foto emoldurada de Esther e Tavinho*.

HUMBERTO

E de repente fez silêncio em minha cabeça. Eu hesitei! Dois mais dois!

HUMBERTO (SOLDADO)

E a coragem?!

HUMBERTO

Coragem?! Grande coragem!

HUMBERTO (SOLDADO)

Pra fazer a escolha difícil.

HUMBERTO

Eu fiz. Eu escolhi perder.

Humberto (Soldado) abaixa o *fuzil* e Esther o encara com olhar imponente. Humberto se levanta de sua *cama* com dificuldade, pondo a mão sobre sua ferida, e vai até Esther (Grávida).

HUMBERTO

Foge. Evita a Rua Setenta que tem emboscada. Vai pelo mato.

Sem dizer nada, Esther acena com a cabeça, destranca a porta e sai, correndo.

Beat.

Humberto retorna à sua cama.

HUMBERTO

E se eu fiz errado? E se o ímpeto me levou ao engano?

Humberto (Soldado) confuso sobre sua decisão, senta-se em uma *cadeira*. Humberto (Soldado) aponta seu *fuzil* para seu próprio ombro e tenta criar coragem para atirar, emulando assim uma troca de tiros.

HUMBERTO (SOLDADO)

Já aconteceu.

HUMBERTO

Eu tinha boas intenções. Nas circunstâncias, era o que me cabia. Terríveis circunstâncias... Mas eu escolhi. Não sei as consequências do que eu escolhi. Eu quero dizer que são as consequências que valem mais. Mas eu só sei de minhas intenções.

HUMBERTO (SOLDADO)

Se contente com elas.

HUMBERTO

Impossível.

HUMBERTO (SOLDADO)

São as suas certezas. É tudo o que você tem.

HUMBERTO

Raquel me enviou para matar uma grávida. Grávida do seu neto. Isso eu sei. Eu não tinha certeza quando tomei minha decisão... Nem tenho certeza agora.

Humberto (Soldado) puxa o gatilho e se fere com um tiro de seu *fuzil*, caindo ao chão e agonizando.

HUMBERTO

(cont.)

Mas ela está viva. Deve estar, tenho fé. Isso tem mais dignidade que minhas certezas. Que minha incerteza. Eu não posso pensar só em mim.

CUT TO:

26 INT. QUARTO 305 - NOITE

Miguel está sentado no chão, acordado, enquanto dormem Enfermeira 1 na *maca*, Esther e o bebê juntos e o Militar 2, na *poltrona*, do lado de um *cinzeiro cheio*. Miguel percebe que todos dormem, levanta e sai do quarto, se movendo vagorosamente.

27 INT. CORREDORES DO TERCEIRO ANDAR DO HOSPITAL - NOITE

Miguel sai do Quarto 305, indo em direção ao *Banheiro* do terceiro andar do hospital, quando passa pelo *corredor* onde fica a Sala da Diretoria.

Percebendo que a sua *porta* está entreaberta e olhando ao redor sem encontrar indícios de quem faça sua segurança, ele decide entrar nela.

28 INT. SALA DA DIRETORIA - NOITE

Miguel entra na Sala da Diretoria, lentamente, e vê Raquel dormindo no *sofá*, de barriga para cima. Sua mão repousa sobre uma *garrafa de vinho* caída no chão, cercada por uma *poça* de seu conteúdo despejado. Outras *garrafas vazias* empesteam o ambiente.

Sua outra mão agarra o *porta-retratos* que contém uma *fotografia* sua, bem mais nova, carregando uma criança de colo com macacão azul.

Miguel nota um *revólver* em cima da *mesa central*, próximo ao *smartphone* de Raquel. Ele olha para o revólver e para Raquel, idealizando matá-la. Ao esticar sua mão para o *revólver*, o *smartphone* de Raquel começa a vibrar. Temendo que Raquel acorde, Miguel toma o *smartphone* em mãos e cancela o alarme.

Quando o faz, percebe que a imagem da tela de bloqueio do *smartphone* é a foto do bebê de Esther com *gorro azul bebê*, que o Militar 2 registrou pela tarde. Miguel fica horrorizado e põe o *smartphone* de volta em seu lugar.

CUT TO: TELA PRETA

CAPÍTULO 4

CARTELA: SETEMBRO

29 EXT. PÁTIO DO HOSPITAL SANTA BÁRBARA - DIA

Uma manhã ensolarada. No *jardim* do Hospital Santa Bárbara, defronte ao pátio, vemos *dois passarinhos* numa árvore. Raquel chega no Hospital em seu *carro*, e desce dele. Ela toma o seu *smartphone* em mãos e faz uma ligação. Da *janela* do terceiro andar do hospital, Miguel a observa.

30 INT. QUARTO 305 - DIA

Miguel vê Raquel pela *janela* do Quarto 305. Com expressão insone, Miguel pega sua *prancheta*, que está na *poltrona* ao lado de Esther, e se senta, pondo a *prancheta* no seu colo. Miguel observa Esther, que dorme, e seu neném.

Enfermeira 1 atende uma ligação com seu *smartphone*, e responde em tom baixo.

ENFERMEIRA 1

Sim. Ok. Certo.

Enfermeira 1 desliga o seu *smartphone*. O neném começa a resmungar. Enfermeira 1 e Enfermeira 2 pegam-no no colo, sem acordar Esther.

ENFERMEIRA 2

É pra tentar de novo...?

Enfermeira 1 sinaliza que sim com a cabeça e Enfermeira 2 busca uma *mamadeira* para dar ao neném. Miguel apoia o queixo em suas mãos e assiste à cena com desgosto, esperando que o neném rejeite a *mamadeira* da mesma maneira que antes.

Todavia, para a surpresa de todos, o neném finalmente aceita tomar o leite da *mamadeira*.

Enfermeira 1 e Enfermeira 2 reagem felizes, rindo e conversando com o bebê em "manhês".

Miguel fica apavorado: no fundo, sente que isso é presságio ruim e que vão tomar o neném de Esther, que dorme tranquilamente. Miguel se levanta da *cadeira* e sai, sem fechar a porta.

31 INT. CORREDORES DO TERCEIRO ANDAR DO HOSPITAL - DIA

Passando pelos corredores com sua *prancheta* em mãos, Miguel

nota uma trilha de *bitucas de cigarro* levando-o em direção a uma *janela* no corredor, onde Militar 2 está fumando seu *cigarro* para fora do hospital, apoiando seu corpo no *peitoril* da janela.

Um misto de sentimentos infla Miguel, como se quisesse falar algo. A postura caída e esmagada de Militar 2 contrasta com a fumaça de seu *cigarro*, que acinzentava a manhã de céu claro.

O pensamento elude Miguel, que segue em direção à escadaria. Às beiras da escadaria, Miguel chuta uma *bituca* meio acesa.

32 INT. ESCADARIA DO HOSPITAL - DIA

A *bituca* meio acesa cai pelas escadas. Miguel, com sua *prancheta*, desce as escadas em direção ao segundo andar do hospital.

33 INT. CORREDORES DO SEGUNDO ANDAR DO HOSPITAL - DIA

O segundo andar do hospital está um completo caos: staff hospitalar se espremendo para ir a seu destino, *papeis*, *panfletos* e *lixo hospitalar* pelo chão. Um PACIENTE FURIOSO reclama seus pesares com as enfermeiras que passam. Choro de criança e tosse agravam o barulho ambiente.

Um GRUPO DE STAFF HOSPITALAR reclama, cada um com sua queixa (falta de salário, infraestrutura, problema com a ouvidoria, etc.) com um BUROCRATA MUNICIPAL.

BUROCRATA MUNICIPAL

É o esforço de guerra...

Miguel anda irritadiço e de cabeça baixa com sua *prancheta* em mãos, evitando olhares, até o Quarto 205.

Antes de abrir a porta, olha para o lado e vê Seu Domingos, limpando o chão tranquilo, como se não fosse afetado pela comoção ao redor. Ele parece ser a única pessoa cuidando da limpeza no Santa Bárbara. Seu Domingos encara Miguel de volta, que então, entra lentamente no Quarto 205.

34 INT. QUARTO 205 - DIA

Entrando no quarto, Miguel percebe que Humberto está dormindo. Seu curativo está limpo. Esforçando-se para não fazer barulho, fecha logo a porta, para reduzir o ruído que vem dos corredores.

Miguel põe sua *prancheta* em cima da cama e se deita cuidadosamente na *cama* vazia ao lado, de barriga para baixo.

Sem querer, ele se mexe e toca a *prancheta* com seu pé, fazendo com que caia no chão e espalhe todos os seus papeis.

Após um tempo, Humberto acorda e olha para Miguel.

HUMBERTO

Miguel?

MIGUEL

Oi, primo, desculpa, eu não queria te acordar...

HUMBERTO

Não se preocupa.

Miguel se revira na cama e fica de barriga para cima.

MIGUEL

(interrompendo)

Ainda mais porque você tá com essas insônias horríveis, devia ter deixado você dormindo...

HUMBERTO

Não se preocupa. Você tá bem?

MIGUEL

Ah... Bem, você acredita que tem um cara fumando no hospital?! Caramba! Essas coisas que me esgotam, primo...! Como pode?!

HUMBERTO

Mas você reclamou?

MIGUEL

Uhum...

HUMBERTO

E?

MIGUEL

Fumou de novo! Deixou o chão cheio de bituca pra seu Domingos limpar, coitado. Um escroto!

HUMBERTO

Vai ver ele tem ansiedade...

MIGUEL

(subindo o tom de voz)

Porra, primo! Quem não! Né? Tem uma guerra acontecendo!

Beat.

Miguel parece arrepende-se de ter falado nesse tom.

Humberto se levanta com dificuldade e se senta na sua *cama*.

HUMBERTO

E isso te incomoda?

MIGUEL

Claro que incomoda. Você nem sabe. A gente sente que tem algum controle. Pra chegar até onde eu cheguei, pra ser reconhecido. Assumir responsabilidade. "Diretor provisório"...! Aí vem uns... Um cara como esse... Empesteando o lugar... Uma situação toda... Sabe?

HUMBERTO

Não entendi.

MIGUEL

O hospital está um caos, primo. As coisas acontecem e eu sou o último a saber. Eu só espero que... Bem, eu só espero. Eu não posso fazer nada. Só aguardar, andar pra cima e pra baixo, seguir meu trabalho. Eu consigo uma brecha aqui e ali mas não posso tudo. É aguardar... As coisas se assentam.

HUMBERTO

Como assim?

MIGUEL

É o estado natural das coisas: tudo quer harmonia, quer sossego.

Miguel aponta para a porta.

MIGUEL

(cont.)

Esse rebuliço todo; é só isso: um segundo de inferno pelo qual a gente vai passar.

Miguel se senta na *cama*, de cabeça baixa, sem encarar Humberto nos olhos.

HUMBERTO

No exército diziam que a guerra só tinha começado por decisão da subversão. Mentira, né? As coisas já estavam ruins, se lembra?

MIGUEL

Claro.

HUMBERTO

Hoje todo mundo se esquece. Não tinha guerra, sim, mas estava tudo indo mal. Isso ia explodir a qualquer momento... Bem, de meu lado, eu sempre entendi que nada acontece por si só - um rifle não atira sozinho, tem que ter quem lhe puxe o gatilho. Mas isso não significa que tudo estava parado, tranquilo. Que foi uma questão de vontade. Isso me parece ilusão, esconde muita coisa. Se tudo fosse parado, fosse pra ser parado, tudo tinha o seu lugar, nada mudava. E, no entanto, tudo sempre muda e todo mundo sempre tem queixas, todo mundo quer a mudança. Talvez já não dê de restaurar o jeito que as coisas eram antes.

Humberto aponta para a janela.

HUMBERTO

(cont.)

Talvez esse caos seja um aviso de que as coisas têm que mudar. Ou que já estão mudando.

Miguel fica visivelmente incomodado com as palavras de Humberto. Miguel levanta da *cama* e começa a ajuntar os *papeis* do chão, como que se preparando para sair. Humberto tenta negociar sua posição.

HUMBERTO

Uma outra questão, completamente diferente, é o que a gente pode fazer.

MIGUEL

(interrompendo)

E a insônia, primo, como tem ido...

Humberto estende a mão, fazendo sinal para que Miguel deixe-o continuar.

HUMBERTO
(interrompendo)
Rapidinho, Miguel. Só me escuta.

Miguel para o que está fazendo, põe a *prancheta* em cima da cama e se encosta na parede do quarto, olhando para Humberto de frente.

HUMBERTO
(cont.)
Às vezes a gente interfere em tudo isso, mesmo sem saber, mesmo sem fazer nada, mesmo parado. Tem que saber diferenciar... Nem tudo tem que passar por sua responsabilidade.

MIGUEL
Mas é claro que tem.

HUMBERTO
Como eu posso dizer... Eu tenho refletido muito, sabe? Antes de vir pra cá... Veja, às vezes a gente age no mundo deixando as coisas seguirem seu rumo, deixando de fazer o que devia...

MIGUEL
(interrompendo)
Eu não quero ser um covarde.

Beat.

HUMBERTO
Primo...

MIGUEL
(interrompendo)
É agir mesmo? Quando a gente só fica aceitando o que já foi escolhido? Porra, Humberto! É para isso que a gente tá no mundo? Não podemos ter iniciativa?

HUMBERTO
Você não é um covarde.

MIGUEL

Não.

HUMBERTO

Nem eu.

Os primos olham para baixo, reflexivos.

HUMBERTO

Eu fiz uma escolha...

MIGUEL

(interrompendo)

Eu também.

Beat.

MIGUEL

Eu não sei.

HUMBERTO

Não é uma questão de coragem.

MIGUEL

É tudo o que eu tenho.

HUMBERTO

Eu sei que você já faz tudo o que pode.

MIGUEL

Você não entende.

HUMBERTO

Você também não...

Beat.

Como não podem confidenciar para além dos tópicos vagos que discutem, a comunicação entre os dois chegou a seu limite. Humberto está em luta para reconhecer se tomou uma decisão justa no passado; Miguel, para reconhecer a necessidade de tomar uma decisão justa no presente.

Os dois se entreolham fixamente, frustrados. Miguel limpa o rosto com as mãos. Miguel e Humberto se despedem com um aceno de cabeça.

35 INT. SALA DA DIRETORIA - NOITE

Pela janela da sala, vemos chuva pesada. Raquel entra na Sala

da Diretoria, embriagada, deixando alguns *documentos* em cima da *mesa central*. Quando o faz, deixa de notar que seu *revólver* não está no local usual, como retratado na Cena 28.

36 INT. QUARTO 305 - NOITE

Enfermeira 1 e Enfermeira 2 observam a chuva pela janela. Militar 1 dorme na *poltrona*, roncando. Esther encontra-se deitada, virada de costas para os demais, com os olhos abertos, aparentando estar de pronto para algo acontecer.

37 INT. CORREDORES DO TERCEIRO ANDAR DO HOSPITAL - NOITE

Raquel passa pelos corredores e desce pela escada.

38 INT. CARRO DE RAQUEL, NO PÁTIO - NOITE

Chove intensamente. Vemos, de dentro do carro de Raquel, que Raquel se aproxima com um *guarda-chuva*, ainda embriagada, com lentidão de movimento.

Por detrás, Miguel se esgueira, sorrateiramente, e hesita, parando na chuva enquanto Raquel tenta abrir a porta do carro.

Miguel veste uma *cobertura improvisada* sobre o rosto, deixando apenas os seus olhos à vista, e surpreende Raquel assim que ela abre a *porta do carro*, a ameaçando com o seu *revólver*, que vimos na Cena 28.

MIGUEL

Pula para o banco de passageiro.
Vamos!

Raquel entra no carro pelo banco de motorista e passa para o banco à direita. Miguel entra logo após ela, deixando sempre o braço estendido segurando o *revólver* apontado na direção de Raquel, sentando-se cuidadosamente no banco do motorista.

MIGUEL

Libera a mulher do 305.

Beat.

MIGUEL

Você me ouviu, porra?! Liga para quem estiver de guarda lá. Ela está liberada.

RAQUEL

Você...?

Raquel, confusa e se expressando com dificuldade, respira fundo e nota os olhos de Miguel por detrás do capuz, e a cor da pele de suas mãos - entendendo se tratar de Humberto. Raquel assume expressão mais estoica e o encara nos olhos.

RAQUEL

Você. Lá no fundo... Sabia que não podia contar com você. Sabia que você não estava seguro com a tarefa.

Miguel ri, sarcástico.

RAQUEL

(cont.)

Você está se simpatizando com o inimigo.

MIGUEL

Você quer roubar a criança.

RAQUEL

Roubar?! Tudo isso é pra proteger...!

MIGUEL

(interrompendo)

Roubar sim! Dos braços da mãe! Sua mentirosa, desgraça! Faz logo a ligação!

Raquel abaixa a cabeça, evitando olhar Miguel nos olhos.

MIGUEL

Vai!

RAQUEL

Você não sabe o que essa bandida fez.

MIGUEL

(interrompendo)

Não importa!

RAQUEL

(interrompendo)

Por responsabilidade direta dela, do grupinho de bandidos dela... Meu deus! Quantos jovens corrompidos, arrastados para essa violência suicida, quantas famílias foram destruídas...

MIGUEL
(interrompendo)
Contra gente como você. Ladrões de
criança, corruptos, bêbados.

RAQUEL
(cont.)
A *minha* família.

MIGUEL
Você ia matar ela.

Beat.

MIGUEL
(cont.)
Você estava esperando o desmame pra
matar ela. Você ia matar ela! Covarde!

RAQUEL
Você não sabe de nada!

MIGUEL
Você ia roubar a criança e matar a
mãe! E ainda quer falar de família!

RAQUEL
É a única coisa que me resta! Você não
entende? Não entende que não é
vingança? Bem... Pelo menos agora! Não
vê que isso é tudo o que me restou do
Tavinho?

MIGUEL
(confuso)
O quê? Porra, não me interessa!

RAQUEL
Ah, você não vai entender: você não é
mãe. Não é avó. Não construiu família.
Não tem nada a perder, não sabe o que
é perder tudo. Mas... Eu posso pelo
menos garantir uma vida boa pra
criança, o que os comunistas nunca
poderiam - longe dessa insanidade, pra
ela crescer numa vida normal, de
gente, como antigamente.

MIGUEL
(rindo)
"Vida normal". "Antigamente" já

passou. Não repete mais.

RAQUEL

É?

MIGUEL

Tudo vai mudar. Vai sim. Se depender de mim, com o pouco que posso, gente como você não vai mais ter paz...

RAQUEL

(interrompendo)

"Gente como eu". Idiota. Mais um corrompido.

MIGUEL

(cont.)

Porque vocês são podres e alguém tem que fazer algo. Esses "jovens" estão se arriscando, sim, para acabar com vocês. Eu vou contribuir. Entenda como quiser. Ninguém me "corrompeu". A guerra bateu em minha porta e eu fiz uma escolha, eu tomei posição: vocês são bandidos, meus inimigos.

RAQUEL

Eles se arriscam porque não sabem que podem morrer.

MIGUEL

Eles sabem. Eu sei que vou. Liga.

Raquel, irritada, liga para um número com seu *smartphone*. O Militar 2 atende. Ouvimos sua voz, em off, pelo áudio do *smartphone*.

MILITAR 2

Capitã.

RAQUEL

Oi... O local se tornou inseguro.

MILITAR 2

Entendido.

RAQUEL

Nossa "convidada" deve ser liberta.

MIGUEL
(sussurrando)
Sem escolta.

RAQUEL
Sem escolta...

MILITAR 2
Capitã?

RAQUEL
Sim... Temos perímetro. Ela vai em
direção a um comboio. Já foi tudo
combinado.

MILITAR 2
Entendido.

MIGUEL
(sussurrando)
Com o bebê dela.

Raquel hesita. Miguel aproxima o *revólver* de Raquel, com seus
dedos trêmulos.

MIGUEL
(sussurrando)
Com o bebê dela, vamos.

RAQUEL
Ela vai com o bebê.

MILITAR 2
Capitã. Vou só terminar um negócio
aqui.

MIGUEL
(sussurrando)
É o cigarro. Filho da puta. Manda ele
jogar fora. Rápido.

RAQUEL
Agora!

MILITAR 2
Capitã.

Miguel toma o *smartphone* de Raquel e o desliga, jogando no
banco traseiro. Ambos se encaram por um momento.

CUT TO:

39 INT. CORREDORES DO SEGUNDO ANDAR DO HOSPITAL - NOITE

Esther surge da escadaria, correndo com o bebê no colo, coberto por um lençol. Em sua mão livre, Esther carrega uma sacola com *parafernália de cuidados de criança*. O bebê chora.

40 INT. QUARTO 205 - NOITE

Humberto acorda com o choro do bebê e se levanta da cama.

CUT TO:

41 EXT. PÁTIO DO HOSPITAL SANTA BÁRBARA - NOITE

Esther sai pela entrada do Hospital Santa Bárbara, corre pelo pátio debaixo de chuva, indo em direção à *Avenida*. Ao passar pelo *carro de Raquel*, ela troca olhares com Miguel e Raquel. Miguel está apontando o *revólver* para Raquel.

CUT TO:

42 INT. CARRO DE RAQUEL, NO PÁTIO - NOITE

Miguel e Raquel, ainda na mesma posição, acompanham Esther com o olhar. Raquel chuta o fundo do carro.

RAQUEL
(furiosa)
Merda!

CUT TO:

43 INT. QUARTO 205 - NOITE

Humberto vê, da *janela* de seu quarto, Esther fugindo pela *Avenida*. Pela distância, é impossível reconhecer que se trata da mesma "espiã" que ele outrora tinha ajudado a fugir.

CUT TO:

44 EXT. AVENIDA - NOITE

Esther corre, de cabeça baixa, sob chuva, com seu bebê no colo. As ruas estão vazias, sem movimentação de carros. O *semáforo* está fechado e Esther passa por ele correndo. Esther começa a sorrir, finalmente em liberdade.

CUT TO:

45 INT. QUARTO 205 - NOITE

Humberto olha Esther correndo pela Avenida até que ela sai de seu campo de visão. Humberto volta seu olhar ao *pátio do Hospital* e vê o *carro de Raquel*. Dentro do *carro*, vê Miguel encapuzado, mas não o reconhece. Miguel aponta o *revólver* para Raquel, enquanto os dois observam Esther fugindo.

HUMBERTO

Capitã...?

CUT TO:

46 INT. CARRO DE RAQUEL, NO PÁTIO - NOITE

Miguel se distrai ao olhar para Esther fugindo. Raquel nota e move lentamente sua mão, como se aproximando do *revólver*. Miguel percebe e firma seu dedo no gatilho.

MIGUEL

Opa!

RAQUEL

Sim, e agora?! Você já conseguiu o que queria. Traidor. Covarde.

MIGUEL

E agora o quê?

RAQUEL

O que você vai fazer? Vai me matar? Me desovar por aí feito lixo? A sua capitã? Seu covarde. Com minha própria arma!

MIGUEL

(rindo)

Minha capitã! Que presunção!

RAQUEL

Covarde. Eu sei onde você mora. Para onde você vai? Eu vou fazer da sua vida um inferno! Se você me matar, acabou pra ti, você não tem pra onde fugir.

MIGUEL

Mas ela vai viver. Vai viver e ver seu bebê crescer.

RAQUEL

Você acha que eu vou deixar ela sumir?
Depois de tudo? Você acha que eu vou
deixar ela sair impune?

Miguel olha para a fachada do *Hospital Santa Bárbara*, onde percebe Humberto, do segundo andar, observando-o. Raquel percebe a distração e avança para cima da arma.

CUT TO:

47 INT. QUARTO 205 - NOITE

A *luz teatral* utilizada para as cenas de "Memória" surge da janela do quarto, iluminando a *cama* onde Miguel deitou na Cena 34. Em cima da cama ainda está a *prancheta* de Miguel. Humberto abre a boca para falar algo, mas não diz nada.

Humberto sai do peitoril da *janela* e vai em direção ao foco da luz, se sentando e repousando o queixo em suas mãos, da mesma maneira que Miguel faz. Quando olha para a *janela*, vê seu reflexo no *vidro*.

Os dois primos, sem saber, e por caminhos completamente diferentes, tomaram a mesma escolha, poupando a vida da mesma pessoa.

Humberto escuta *sons de tiro* e a *luz teatral* apaga-se abruptamente.

CUT TO: TELA PRETA

EPÍLOGO

CARTELA: DEPOIS

CUT TO: TELA PRETA

ESTHER

(voice-over)

20 de abril. Foi muito difícil te achar. Sabemos que você deixou pistas. Muita confiança de sua parte.

48 INT. CARRO DE SEGURANÇA - NOITE

Dentro do *carro de segurança* para transporte de membros da insurgência, um MOTORISTA, com *cobertura preta*, aguarda alguém. Um PRIMO entra no carro, de cabeça baixa, e põe o capuz ao sentar-se. Não sabemos qual dos dois primos estamos acompanhando no epílogo.

MOTORISTA

Vamos lá?

O Primo faz que sim com a cabeça.

MOTORISTA

Você que ajudou a Esther. Muito prazer.

O Motorista se estica para trás para apertar as mãos do Primo. Após o aperto de mão, o Motorista acelera o carro.

O Primo se deita no banco de trás do carro e fica olhando para o teto.

49 EXT. RODOVIA - NOITE

Enquanto o carro segue pela rodovia, vemos o céu sem estrelas da cidade. Depois, o céu com algumas estrelas. Depois, o céu estrelado, indicando o movimento em direção ao interior do país. Enquanto isso, ouvimos o voice-over de Esther.

ESTHER

(voice-over)

Não tivemos a oportunidade de nos apresentar. Tudo teve de ser muito rápido, e você teve de fazer suas escolhas com pressa. Não sabemos com quanta consciência você agiu naquela noite. Sabemos, sim, que você só estava vivendo sua rotina, seu

trabalho.

Isso é o menos importante agora.

Nós não podemos exigir de nós mesmos nem dos outros que existam fora de suas circunstâncias. O homem só pode escolher num mundo, num tempo, num contexto que ele não pôde escolher. Ao mesmo tempo, ele pode transformar isto que já é. Gerar outras possibilidades para quem vier à seguida. Isso, claro, não se faz sozinho.

A revolução tem cumprido esse papel. Ainda que seja abortada e fracasse. Ainda que sejamos massacrados. As consequências são irreparáveis.

O Brasil já não é o mesmo que era antes: existem tantas circunstâncias novas que se colocam para cada um. Cada qual, à sua maneira, toma parte delas ou contra elas do modo que entende. É como uma ventania que arrasta tudo em seu caminho, mas nós escolhemos deixar as janelas abertas.

Mas para além disso, escolhemos assumir as circunstâncias para transformá-las. Isso é a liberdade, de fato. Para servir a quem virá no nosso lugar, mais do que para nós mesmos. Há que ter paciência - se um processo é transformador mesmo, ele demora e cada segundo pesa.

Eu, felizmente, estou podendo ver meu bebê crescer, numa imensa família. Viveremos para além do canibalismo, da crueldade reacionária. Minha criança poderá assistir a um regime velho cair. E, por isso, sou eternamente grata: você se rebelou e serviu o novo.

Precisamos nos encontrar pessoalmente. Abaixo está o endereço e o horário. Vão te buscar. Não atrase.

50 INT. CARRO DE SEGURANÇA - AURORA

O Motorista, do lado de fora do carro de segurança, abre a porta traseira e acorda o Primo.

MOTORISTA

Pode levantar. É logo ali.

51 CENA 37 - EXT. MORRO - AURORA

O Primo desce do carro e vê uma paisagem campestre, do alto de um morro. O sol ainda nasce. Andando mais um pouco, vê uma árvore, onde Esther o espera sentada com uma CRIANÇA deitada em seu colo. É possível entender que algum tempo passou, pois a Criança tem entre 3 e 4 anos, além de alguma diferença na aparência de Esther.

Quando Esther percebe que Primo se aproxima, ela o recebe com um aperto firme de mão.

ESTHER

(sorridente)

Olá.

Esther tenta se levantar para dar um abraço mas o Primo comunica com gesto de que não é necessário.

O sol nasce e a Criança acorda, coçando os olhos.